

# PAPO DE GALO\_13

17/mar/2021

A comunicação bolsonarista se baseia no controle de elementos autoevidentes e no caos. Mas a volta de Lula ameaça a hegemonia narrativa da extrema-direita.

## DUELO DE NARRATIVAS



# PAPO DE GALO \_ revista



A **Papo de Galo\_ revista** é um projeto de **Gabriel Galo**. Ele também escreve, diagrama, administra e o que mais precisar. E desde a edição de número 10, a revista ganhou novo corpo. Piauí, me aguarde!

Somos **8 colunistas**, dentre jornalistas, escritores, analistas políticos, administradores, advogados, cronistas, filósofos, antropólogos. Isso sem contar os convidados especiais que marcarão presença nas pautas principais de cada exemplar. E vou mencionar *em passant* os planos de contratação de diagramador e ilustrador, para elevar mais um passo no conteúdo da revista.

Com isso, seu **apoio** é agora mais importante ainda. Apoie a produção independente de conteúdo!

Voltando à introdução tradicional, agora em primeira pessoa:

Eu sou baiano de Salvador, torcedor do Vitória, formado, mas não melhor que ninguém por isso, em Administração pela FEA/USP, pai, empresário e escritor. Isso cronologicamente falando. Escrevo coisas demais, sobre assuntos demais.

Publiquei em outubro de 2018 o livro **“Futebol é uma Matrioska de surpresas: contos e crônicas da Copa 2018”**, contendo textos meus no Correio da Bahia e no Huffpost Brasil, além de alguns inéditos. Neste ano de 2020, lancei mais 2 livros novos de contos e crônicas: **“A inescapável breguice do amor”** e **“Não aperte minha mente”**. Você pode comprá-los [AQUI](#).

Estou **colunista** no programa **Futebol S/A** na Rádio Sociedade da Bahia, no **Arena Rubro-Negra**, o maior e melhor site de torcedores do Vitória, e no **Aprendizagem Jurídica**. Estive 3 anos e meio anos no **Correio da Bahia** e 1 um ano e meio no **Huffpost Brasil**. E estou sempre aí correndo atrás para quitar o boleto de amanhã.

Escrevo porque não tenho opção. Porque, por mais que tenha tentado outros caminhos, contar histórias é o que me faz acordar todos os dias com vontade de trabalhar. E vocês não imaginam como dá trabalho...

Ainda há muito mais por vir. Esta revista é só mais um passo rumo a sei lá o quê. O que importa, estou certo, é a jornada, não existe isso de linha de chegada. E faço um convite a você: vamos juntos?

Se o que eu escrevo faz sentido para você, considere **APOIAR** a revista. Assine. A campanha no [Apoia.se](#) está no ar esperando sua contribuição.

Ah! Eu sempre quero ouvir suas histórias. Quer conversar, propor pauta, criticar, o que for? Fale comigo!

[facebook.com/souogalo](https://facebook.com/souogalo)

[Instagram.com/souogalo](https://instagram.com/souogalo)

e-mail: [gabriel@papodegalo.com.br](mailto:gabriel@papodegalo.com.br)

Abraço do Galo!

Faz tudo da revista: Gabriel Galo  
Espero que em breve eu possa preencher este espaço com a equipe contratada para fazer a revista.  
Uma publicação da Papo de Galo Comunicação e da Galo Consultoria.  
Tiragem quinzenal. Revista online gratuita. Em breve, assinatura com edição física disponível. Quando? Não sei, pergunta difícil.  
Enquanto isso, apoia aí, vai. Faz toda diferença.  
Proibido reprodução total ou parcial dos textos sem autorização expressa dos autores.

**AOS QUE SE MANTÉM  
NA VIGILÂNCIA COM  
UM JORNALISMO QUE  
NÃO SE DOBRA E  
MUDA OS RUMOS DO  
BRASIL.**



Por GABRIEL GALO

O conteúdo desta revista é 100% autoral.  
Proibido reproduzir sem autorização expressa do autor.  
© Papo de Galo. Todos os direitos reservados.

Apoiadores

0005

APOIA.se

São Paulo, 12 de março de 2021

REDES  
SOCIAIS



@souogalo  
@canalpapodegalo



@souogalo  
@canalpapodegalo



@souogalo



gabriel@papodegalo.com.br



PAPODEGALO.COM.BR




# COLUNISTAS DESSA EDIÇÃO



**DURVAL LUCAS JR.**

Doutor em Administração


 @durval\_lucasjr

Administrador de formação, capitalista convicto, Durval é um apaixonado por tecnologia. Professor de ocupação (EPPEN-UNIFESP), diverte-se interagindo em sala de aula e buscando soluções para os problemas do mundo.



**FLAVIA VASCONCELOS**

Jornalista

 @flavia.vasconcelosoliveira

Baiana. Escritora de histórias de vida. Entusiasta do Jornalismo literário. Autora do livro Antônimos - Narrativas de vida e arte.



**FERNANDA GALVÃO**

Jornalista


  @falagalva

Fernanda é carioca, jornalista, consultora política e Master Coach.



**EDUARDO GALDURÓZ**

Juiz de Direito e cronista.

 @eduardogalduroz

Eduardo Galduróz é um moleque abrindo Stanislaw. Subtrai, para si e para outrem, crônicas alheias móveis.



**GABRIEL GALO**

Administrador e escritor

   @souogalo

Baiano praticante desde 1982, Gabriel é administrador, empresário, pai e escritor, cronologicamente falando. Lançou 3 livros de contos e crônicas.



**FRANCIEL CRUZ**

Jornalista e escritor

 @fsmcruz

Celebridade de Irecê, Franciel é pós-graduado com phd em chibanças e dança de rato. É autor de "Ingresia" (P55, 2018).

## ATENÇÃO!

**EM 26 DE MARÇO VEM  
EDIÇÃO EM DOSE  
DÚPLA: UMA  
TRADICIONAL E UMA  
MAIS DO QUE  
ESPECIAL.**

**CONTRIBUA COM A  
MÍDIA INDEPENDENTE!**

**>> [APOIA.SE/PAPODEGALO](https://apoia.se/papodegalo) <<**

Tudo o que você lê, ouve e assiste aqui no Papo de Galo é essencialmente grátis. Mas boleto não liga pra isso. E a gente precisa de sua ajuda.

Você pode contribuir com qualquer quantia que puder e não vá lhe fazer falta no APOIA.SE. Que tal 10 reais por mês, só 2 cafezinhos? Bora?

# ÍNDICE

## EDITORIAL

- 7** **REPLANEJAMENTO FORÇADO**  
(por Gabriel Galo)

## ENTREVISTA

- 10** **IDELBER AVELAR**  
(Entrevista por Gabriel Galo)

## DISCURSO. COMUNICAÇÃO E A VOLTA DE LULA

- 20** **O CONTROLE DO DISCURSO AUTOEVIDENTE**  
(Artigo por Gabriel Galo)

- 30** **STF E A FRAGILIDADE DA DEMOCRACIA**  
(Artigo por Gabriel Galo)

- 40** **DEMOCRACIA: A INOCENTE NO MEIO DA POLARIZAÇÃO**  
(Artigo por Durval Lucas Jr.)

- 43** **O QUE ESTÁ CONTIDO NA FALA DA PRETENSA POLARIZAÇÃO**  
(Artigo por Gabriel Galo)

- 48** **O EFEITO LULA**  
(Artigo por Gabriel Galo)

- 52** **COMO FICA A REJEIÇÃO A LULA?**  
(Artigo por Gabriel Galo)

- 56** **QUANDO VIRÁS, Ó, ENCOBERTO?**  
(Artigo por Fernanda Galvão – Fala, Galva!)

- 60** **A DESUMANIDADE DO MERCADO**  
(Artigo por Gabriel Galo)

## JORNALISMO LITERÁRIO

- 64** **DOCUMENTÁRIO EDIFÍCIO MASTER APOSTA  
NO VALOR DAS HISTÓRIAS DE VIDA**  
(Jornalismo literário por Flavia Vasconcelos)

## CRÔNICAS

- 68** **VÃO FICAR CHORANDO ATÉ QUANDO?**  
(Crônica por Eduardo Galduróz – Aquele Galduróz)

- 72** **A EMOÇÃO DE LULA FOI SINCERA?**  
(Crônica por Franciel Cruz)

# 7

POR GABRIEL GALO

---



**REPLANEJA-  
MENTO  
FORÇADO**



# QUANDO O PLANEJAMENTO VALE POUCO.

**Q**uando esta revista foi lançada, em junho de 2020, o mote foram as manifestações que naquele momento se opunham às da extrema-direita, numa pandemia que, mal sabíamos, só começava e chegava ao seu primeiro topo de curva. A ideia era a de aprofundar um tópico relevante para o momento, trazendo contexto histórico, referências, uma abordagem aprofundada do que se via nas ruas.

De lá pra cá, tivemos edições com mais entrevistas, outras mais autorais e fomos testando modelos para chegar a um formato que, se ainda não é o definitivo, é aquele de que mais gostamos e nos sentimos desafiados a escrever – porém confortáveis de saber ser a pauta da vez. E nos mantivemos firmes no propósito.

Esta semana veio, contudo, para sacudir as estruturas e mostrar como planejamento de pauta é algo que algumas vezes pode não valer de muita coisa. Ou, escrevendo melhor, vale muito, mas não está escrito em pedra. Está lá rabiscado num papel grosso com um grafite bem fraquinho, um que qualquer borracha pode apagar.

Inicialmente, esta edição número 13 da **Papo de Galo\_ revista** teria como centro do debate as táticas de controle de narrativas auto-evidentes dentro do bolsonarismo, que é, convenhamos, a única força política que pauta a imprensa e a opinião pública e com poder mobilizador de massas. Quer dizer: era.

Porque a decisão monocrática de 8 de março de 2021 do ministro do STF **Edson Fachin**,





que anulou as condenações de Lula no âmbito da Lava-Jato ao julgar a vara de Curitiba incompetente para tal, restituiu os direitos políticos do ex-presidente e colocou fogo no cenário político para 2022.

O que se viu na sequência foi uma inversão total do controle da narrativa.

Por alguns dias – e ainda hoje – o governo parou de dar as cartas e encher as redações e manchetes com seus descabros. Por um tempo, tudo o que se ouvia falar era de Lula. O que, dada a magnitude do ocorrido, seria natural. Afinal, trata-se de um ex-presidente da República, impedido de concorrer novamente ao cargo em 2018 justamente pelo processo que anulado por Fachin, e que gera reações sem comedimento ao seu nome.

De início, diversos veículos se dispuseram a replicar análises preguiçosas do que significava a revalidação – mesmo que momentânea, afinal, num embaralhamento de processos jurídicos em que não se tem ao certo como esta decisão de Fachin é impactada pelo julgamento de suspeição de Sergio Moro, pedido por Gilmar Mendes, se a apuração vai ser mantida ou se o caso começa do zero, há mais dúvidas que certezas do ponto de vista processual – dos direitos políticos de Lula. Atendendo a achismos pré-concebidos, distribuiu-se “polarização” e “reação do mercado” sem que se buscasse entender o que leva a isso, se há sentido nesta construção fora de um desejo individual por outro nome que nada tem a ver com querer alguém menos extremista – porque extremista só há um, e não é Lula – mas sim por querer outro mais parecido consigo.

Em poucos dias, o Brasil focou em falar sobre Lula e as consequências do que decidia o STF. Tudo o tabuleiro montado para 2022, já profundamente incerto, à exceção da presença do atual presidente, de repente foi jogado para o alto. Entrou uma peça não necessariamente, mas poderosa demais, e que altera por completo os rumos da corrida presidencial para 2022. Aliás, não apenas

esta, mas também a forma como o governo Bolsonaro poderá se comportar daqui em diante.

Dentro desta nova concepção, a pauta principal sobre comunicação autoevidente, definida há mais tempo, que teve entrevistas realizadas e ensaios rabiscados unindo publicações recentes de gente como João Cezar de Castro Rocha, Pedro Dória e Michele Prado, além de **Idelber Avelar**, fica para uma edição mais para a frente em sua completude.

Não que tenha sido totalmente esquecida. Nesta edição, lanço a entrevista com Idelber Avelar sobre seu novo livro “Eles em nós: retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI” e um artigo que servirá como introdução sobre como o controle da narrativa autoevidente suprime pensamentos.

Daí partimos para ampliar o horizonte sobre o que significa a volta de Lula. Vamos falar de como o STF mudou os rumos da democracia brasileira – seja em 2018 ou 2022 –, trazemos opiniões divergentes sobre se há essa tal polarização, de como o sentimento de esperança por um salvador da pátria está no embrião do Brasil, herança do sebastianismo português, do que significa a reação do mercado e, num segundo passo, a reação generalizada dos analistas de economia sobre a reação do mercado, e muito mais.

Como cereja do bolo, numa traquinagem do destino que alimenta semióticas e muitas teorias da conspiração, calhou que Lula fosse o personagem principal da edição #13 da revista.

Somos nessa edição 6 colunistas, com entrevistas, ensaios, crônicas, e muito contexto.

Boa leitura.

10

POR GABRIEL GALO

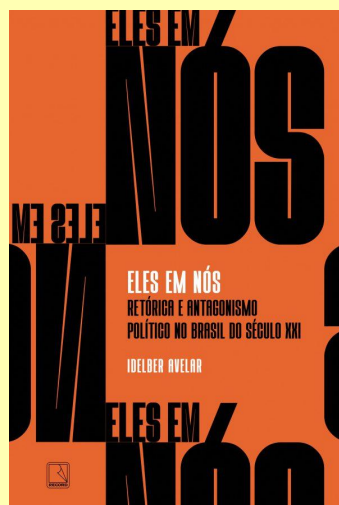
**ENTREVISTA  
IDELBER  
AVELAR**



**A** presença de Ideber Avelar na internet é tão antiga quanto significativa. À frente do blog “O biscoito fino e a massa”, foi artífice do auge dos blogs de política no Brasil, junto com nome como Celso Rocha de Barros, do antigo “Na prática a teoria é outra”. No universo da blogosfera interagiu eventualmente no blog de meu pai, o “Blog do Galinho”, que foi onde tive contato com ele pela primeira vez.

Formado em Letras pela UFMG em 1990, Ideber no mesmo ano seguiu para os EUA, onde reside desde então. É atualmente professor titular de Estudos Latino-americanos na Universidade Tulane, em Nova Orleans.

Autor de diversos títulos, lançou recentemente o livro [“Eles em nós: Retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI”](#).



## O LIVRO

O livro é o resultado de alguns anos que eu venho estudando sobre o processo político brasileiro. Esse tema é bastante amplo e passou a ser muito explosivo porque a bibliografia é muito polarizada, ou como eu prefiro dizer, sobrepolarizada ou sobrepolarizada.

A bibliografia também tem uma característica que é o fato de que as várias áreas se comunicam muito pouco entre si. Com isso eu quero dizer que a ciência política brasileira sobre o processo político brasileiro dos últimos 20 anos se escreve sem diálogo, diferente do que fez a antropologia, que mostra o Brasil real, das comunidades indígenas, das periferias. Por exemplo, toda a bibliografia sobre a Lava-Jato, seja ela escrita por jornalistas simpáticos à operação, procuradores, ou delegados da PF, se escreve em completa ignorância de toda a literatura jurídica sobre direitos fundamentais, sobre garantias, sobre a constituição de 88,

etc. E eu poderia te dar outros exemplos. O ensaísmo político de esquerda, digamos, tanto o mais acadêmico, quanto o mais partidário, todo ele se escreve em ignorância da bibliografia brasileira das últimas 2 décadas. Ou seja, a literatura sobre o chamado golpe contra Dilma sistematicamente ignora os números da economia, as intervenções no setor elétrico, a progressiva quebra da economia no governo Dilma, etc.

Tudo isso faz com que seja um campo muito minado. Já é normalmente um campo minado escrever um livro sobre política contemporânea, mas sobre a política contemporânea brasileira é muito mais.

Então eu resolvi fazer no livro 2 coisas básicas. A primeira é escrever um livro que demonstrasse ao leitor que eu li toda a bibliografia disponível, ou pelo menos toda a relevante. E que eu só trabalharia no livro com afirmações que eu pudesse demonstrar, ou pelo menos que pudesse argumentar e defender.

E o segundo projeto desse livro é fazer uma contribuição que fosse especificamente minha, da minha disciplina, especificamente da análise do discurso.

Então meu livro é sobre como a linguagem operou na política brasileira, ou como a política brasileira transformou a linguagem, o português que se fala no Brasil no últimos 20 anos. Esse é o projeto. Ele é um livro sobre os últimos 20 anos, sobre um Brasil do século 21. Mas ele não tem o formato de um livro historiográfico, que conta a história em ordem cronológica. Os capítulos seguem uma ordem de conceitos retóricos que eu localizo como os fundamentais para a operação da política brasileira.

## OS CAPÍTULOS

No capítulo 1 mostro como funciona a **hipérbole**, presente no discurso do Brasil grande. Para isso eu volto até Vargas e a invenção deste



povo brasileiro que nasce homogeneizado. Falo da retórica da Ditadura Militar, especialmente durante o acordo nuclear com a Alemanha no governo **Geisel**. Mapeio a utilização do discurso do Brasil grande durante o Lulismo e vejo essa ponte, essa apropriação que o Bolsonarismo só pode fazer porque ela já estava lá, herdado de uma história pregressa, na qual o **bolsonarismo** intervém. Esse é um capítulo, sobre a hipérbole, como é que funciona o discurso grandioso, do exagero. E aí a coleção de pérolas é sensacional. E diz muito sobre o Brasil.

Em cada capítulo eu vou com um conceito retórico: antagonismo no capítulo 2; oxímoro no capítulo 3; lexicocídio, que é o assassinato de palavras, no capítulo 4; o nome próprio e o eufemismo no capítulo 5; e depois o antagonismo de novo capítulo 6 que é sobre o bolsonarismo.



**O bolsonarismo pôde ter sucesso porque ele passou a representar pra dezenas de milhões de brasileiros não um antagonismo específico, mas a própria possibilidade de antagonizar.**



O que caracteriza o bolsonarismo é que tem que antagonizar o tempo todo, tem que ter um inimigo o tempo todo. O bolsonarismo ganha legitimidade no momento em que ele intervém em um sistema político que é caracterizado por um **mascaramento dos antagonismos**. O sistema político mascara o antagonismo em reuniões de portas fechadas, no que o **Marcos Nobre** chama de **PMDBismo**.

Essa é a estrutura, é o que tento fazer. E tem análises detalhadas de muita coisa, da Lava-Jato, de junho de 2013, de como se quebrou o pacto Lulista, aquele pacto que organiza a sociedade brasileira de 2005 até 2013 e que cai ali daquele processo das manifestações de 2013, da resposta do governo a elas e depois do processo eleitoral de 2014.

## **INTERAÇÃO ENTRE BIBLIOGRAFIAS**

Os corpos bibliográficos têm que analisar os diferentes aspectos da política brasileira, porque política não é só pro cientista político estudar, ela é uma coisa pro sociólogo, historiador, economista e pra nós da análise do discurso estudarmos. Mas esses corpos bibliográficos se escrevem em ignorância mútua. E alguns deles perdem mais do que os outros. A ciência política perdeu muito com a reiterada elucubração sobre um conceito em particular, o presidencialismo de coalizão, que domina a disciplinas nos últimos 30 anos. E que vai progressivamente passando de instrumento descritivo de uma realidade para ser pressuposto cada vez mais frequentemente como um conceito de caráter prescritivo.



Assim, o presidencialismo de coalizão seria uma espécie de demonstração de maturidade da presença brasileira no rol das democracias estabelecidas.

Eu tenho vários amigos professores de ciência política, o atual diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFMG, por exemplo, é um cientista político, Bruno Reis, um cientista de ponta no Brasil e é meu amigo. Não há nenhum intento de atacar uma disciplina, mas algumas coisas precisam ser ditas. A ciência política, por exemplo, teria lucrado muito se tivesse se nutrido de toda a antropologia produzida no Brasil, sobre o Brasil dos últimos 20 anos. Quando eu digo antropologia, eu digo tanto a etnografia das nações indígenas, como a etnografia urbana, de tribos urbanas. A antropologia produziu muito material sobre evangélicos, sobre polícia. E essa bibliografia não entra quando um cientista político está pensando o sistema político brasileiro. Ele está pensando Brasília, a matemática do PTxPSDB, e aquilo ali está de alguma forma descolado, sim, de processos que acontecem no solo da sociedade.

## ANTAGONISMOS E O LULISMO

Quando eu disse que o bolsonarismo representou pra muita gente a possibilidade de projetar antagonismos, eu falei só de Bolsonaro, eu não falei de Trump. Nos EUA o antagonismo está dado, é um sistema bipartidário. O sistema político americano não está caracterizado em incompetência de administrar antagonismos. Ou pelo mascaramento de antagonismos. Essa é uma característica do sistema político brasileiro.

Quando eu digo mascaramento de antagonismos, quero dizer uma coisa muito simples. Os antagonismos reais existem na sociedade. Antagonismos que uma sociedade complexa como a do Brasil, com mais de 200 milhões de habitantes, vai ter em profusão. Muito especialmente numa sociedade pluriétnica que foi construída à base da escravidão e do genocídio ameríndio.

Cabe ao sistema político administrar esses antagonismos, traduzi-los num aparato político representativo da democracia de alguma forma. Quando saímos da ditadura, e se escreveu a Constituição de 88 e logo depois se derrubou o governo Collor, o esquema político que se estabelece ali ele é caracterizado por certos arranjos. Esses arranjos foram descritos pelo filósofo Marcos Nobre com o conceito de PMDBismo. O PMDBismo não é só o PMDB, é todo o arranjo institucional brasileiro, que faz com que os antagonismos não se traduzam no sistema político. Os antagonismos são canalizados para reuniões a portas fechadas onde se formam as maiorias legislativas brasileiras. E o mecanismo de formação dessas super maiorias é conhecido, é a chantagem, o veto e o suborno. Certo? Nesse arranjo os antagonismos são mascarados, eles vão lá pro fundo.





Você tem por exemplo tanto uma figura de esquerda, como o Lula, como uma figura reconhecidamente da direita mais fisiológica, vamos dizer, **Eduardo Cunha**. A campanha capitaneada por Lula, em tentativa bem sucedida de eleger Dilma Rousseff em 2010, escolheu Eduardo Cunha como seu porta-voz no meio evangélico. Eduardo Cunha não era desconhecido, fazia duas décadas que todo mundo sabia quem ele era.

Esse é um dos muitos exemplos de como o lulismo operou dentro desse sistema de mascaramento de antagonismos, de uma maneira particular. No caso do lulismo, ele administra esse sistema PMDBista apostando na estratégia do oximoro, que é aquela categoria retórica que designa a afirmação simultânea de 2 polos, enunciados em que opostos estão ocupando o mesmo espaço semântico, como círculo quadrado.

O Lulismo é o movimento que vai administrar, eleito em 2002, toma posse em 2003, o sistema de mascaramento dos antagonismos que ele herda dos governos anteriores. Quando acontece o Mensalão, Lula se reposiciona naquele sistema de mascaramento dos antagonismos. Ele traz o PMDB, que era oposição em 2004, para o governo. E ali se configura o pacto que Andre Singer chama de Lulismo.

Lulismo não é só seguidores do Lula – quer dizer, hoje é – mas na época era o nome do pacto que organiza e estabilizava todo o sistema político brasileiro. O Lulismo com esse sentido dura de 2005 a 2013. Neste último ano, com o cambaleio da resposta de Dilma e do PT às manifestações e depois com o estelionato eleitoral e o massacre da Marina em 14 e as manifestações que começam muito cedo em 15, o Lulismo como pacto de administração dos sistema de mascaramento de antagonismos desmorona e passa a ser só uma corrente política no interior do antagonismo, uma força política a mais. Talvez a mais decisiva, porque o antipetismo continua sendo o partido político mais forte do Brasil.

É nesse sentido que eu uso a imagem do antagonismo. O caso brasileiro não se compara com outros países. Ninguém tem PMDB, só nós temos, Só existe um sistema político que funcione como o nosso, que combine presidencialismo, representação proporcional no Parlamento e formação de super maiorias legislativas.

## **POR DENTRO DO BOLSONARISMO**

Bolsonaro tem várias coisas em comum com os movimentos da nova extrema-direita no mundo. Isso é algo que foi compilado por mim em pesquisa empírica. Eu passei muito tempo em grupos bolsonaristas de WhatsApp, como grupos de escola, de igreja, de família, da campanha de Bolsonaro em 2018. E é muito nítido que existem ali vários conteúdos, o patriotismo exacerbado, o moralismo comportamental, de família, o teocrático. Mas os conteúdos podem ser vários outros.



Por exemplo, pra falar das feminazis, do petismo ladrão que inventou a corrupção no Brasil, essa coisa misteriosa que o Brasil nunca tinha tido. Há muito conteúdo islamofóbico, por exemplo. O bolsonarismo está nesse bate-bumbo delirantemente sionista, colocando o Estado de Israel como uma espécie de paradigma da bondade e da justiça e do bem. Este é também um elemento novo, que a gente não tinha no Brasil.

O que eu quis descrever no livro foi o mecanismo de funcionamento, que inclui várias coisas. Mas ele inclui fundamentalmente, me parece, o fato de que o bolsonarismo passou a ser uma espécie de significante vazio do antagonismo. Ou significante vazio da possibilidade do antagonismo. O que eu quero dizer com significante vazio é que você pode preencher com qualquer conteúdo, Mas o que nitidamente lhe dá legitimidade perante tantos milhões de pessoas é o fato de que ele passou a representar a própria possibilidade de antagonizar.

Vou dar um exemplo. Uma das figuras prototípicas sociais que você mais encontra nos grupos bolsonaristas é um público que era lulista até pouco tempo atrás. É um público, digamos, que vem da experiência do Prouni, de uma classe trabalhadores empobrecida, que pela primeira vez manda alguém da família à faculdade, que recebe aquele diploma de nível superior como uma espécie de grande coroação, uma conquista ao mesmo tempo do país ou do governo e do indivíduo. Há uma grande celebração meritocrática desse diploma. O problema acontece porque esse diploma passou a não valer nada. A partir de 2012 até 2014, o mercado claramente dá mostras de que não vai incorporar toda aquela multidão de pedagogos, bacharéis em Direito e profissionais de Letras que se formam nas faculdades privadas alimentadas pelo Prouni. Isso significa que muita gente leva um tombo violento de expectativas. Inclusive a explosão de 13 tem algo a ver com isso. E daí vai morro abaixo até o esfacelamento da economia brasileira que está mais ou menos completo em 16, quando **Michel Temer** toma posse.

Eu não sabia muito bem qual era a forma que a rebelião antipetista tomaria. Mas eu sabia, já bastante cedo, antes de 2013, que seria uma rebelião que contaria com a presença de diplomados que hoje trabalham como caixa de supermercado. Entendeu?

Mas isso não se encaixa em certos estereótipos do bolsonarista que existem na esquerda.

Os conteúdos de grupos bolsonaristas podem incluir, e com frequência incluem esses conteúdos teocráticos, militaristas, de reacionarismo comportamental, que realmente ganham um papel protagonista no Brasil nos últimos 5 anos. No entanto, se fosse só isso, o bolsonarismo não teria a penetração que ele tem. Não existem 57 milhões de fascistas no Brasil. O bolsonarismo tem a penetração que tem porque passou a expressar certos dilemas reais, de forma distorcida, manipulativa, extremista e perigosa, mas expressou. Isso não é juízo de valor, é simplesmente uma constatação.





“

**O bolsonarismo tem a penetração que tem porque passou a expressar certos dilemas reais, de forma distorcida, manipulativa, extremista e perigosa, mas expressou.**

”

O que era aquilo que o bolsonarismo estava expressando? Não era por exemplo que, como alguns petistas acreditam, que existia lá no fundo do Brasil 50 milhões de fascistas que estavam esperando o seu porta voz. E que apareceu Bolsonaro e esse fascismo que existia na sociedade brasileiro abraçou Bolsonaro e que essas pessoas sempre foram fascistas e burras. Como se justifica chamar de burro o eleitor de 2018 por ter votado em Bolsonaro, sendo que este mesmo eleitor votou em 2014 e 2010 na Dilma, votou em 2006 no Lula? Grande parcela do eleitorado passa de um bloco pra outro. Eles ficaram mais burros de repente, ou viraram racistas? As explicações não se encaixam.

O meu intento é por isso mesmo menos prescritivo, estou tentando fazer uma descrição rigorosa do que eu vi e que pude deduzir da análise, tanto do que eu recolhi na análise empírica, quanto o que eu recolhi da leitura das várias disciplinas.

## **OS 6 PARTIDOS DO BOLSONARISMO**

O bolsonarismo toma forma de coalizão em 6 partes. Não chega a ter o caráter de frente, de uma simples colagem de vários partidos. Ele é uma força política enraizada na sociedade. E ele tem a forma de uma coalizão porque ele tem vários diferentes elementos que vão se grudando uns nos outros para formá-lo. E todos esses elementos me parecem importantes.

Eu chamo esses 6 elementos com o nome de partido exatamente para indicar que os partidos políticos tradicionais não importam pra explicar quem é Bolsonaro.

Os partidos que compõem o bolsonarismo são:

Em primeiro lugar, cronologicamente, é o **Partido do Boi**. É o partido do agronegócio, mas também é uma força política que arrasta milhões de brasileiros, inclusive trabalhadores rurais. Em 2012, 2013, Bolsonaro não era ninguém na política. Em 2013, quando **Marco Feliciano** foi eleito presidente da Comissão de Direitos Humanos, Bolsonaro era o cara que ficava plantado na porta batendo boca com os militantes do PSol que estavam protestando contra a posse do Feliciano. Os líderes da extrema-direita em Brasília eram Feliciano e Malafaia, Bolsonaro não era ninguém. Mas em Barretos ele já era alguém, já era carregada nos



ombros. Bolsonaro é essa figura de uma masculinidade paulista-carioca-fake. Uma masculinidade caipira fake, muito homofóbica e muito anti-indígena. O racismo de Bolsonaro contra negros tem outra natureza, uma natureza mais brasileira, a do racismo cordial. O racismo dele contra indígenas é racismo de extermínio. E isso fez com que ele fosse já uma figura de certa aceitação no agronegócio.

O segundo é o **Partido Teocrata**. Eu chamo de teocrata, não chamo de fundamentalista, e certamente acho que é equivocada a designação de partido evangélico. Não são teocratas só os evangélicos, e nem todos os evangélicos são parte disso. Por isso o Partido Teocrata. Em outras palavras, o que o caracteriza não é o conceito fundamentalista de inerrância. Os caras não estão nem aí pra inerrância. É um projeto teocrático de apropriação do estado. O Partido Teocrata vai se cozinhando também do mesmo jeito que o Partido do Boi, sob o Lulismo, primeiro como aliado ao Lulismo, como parte do bloco lulista.

E aí tem mais dois partidos relacionados à área do Direito, das leis e da polícia. O **Partido da Polimilícia** e o **Partido da Lava-Jato**.

O Partido da Polimilícia é o núcleo leninista original do bolsonarismo. É de onde vem Bolsonaro. Esse partido é formado por capangas, milicianos, ex delegados e ex policiais. O Partido da Lava-Jato é o outro lado desse partidão da ordem. É a turma que sabe usar talheres, como juízes, procuradores, delegados da PF.

O quinto partido é o curioso partido que só tem uma pessoa só. É o **Partido do Mercado**, o do **Paulo Guedes**. Não é que Paulo Guedes tenha sido a única pessoa do mercado que apoiou Bolsonaro, mas ele é o cara que cacifa Bolsonaro no mercado, sem o qual Bolsonaro não teria sido eleito. Ele precisava de um avalista no mercado, todo mundo precisa. E ele, por razões pessoais, de ressentimento, embarcou nessa pra cacifar Bolsonaro.

De finais de 2016 para começo de 2017 o Bolsonaro tem uma ideia original. E a ideia é simples. Isso está dito em uma entrevista com Nando Moura, Youtuber de extrema-direita que entrevistou Bolsonaro duas vezes no processo de construção da candidatura dele. Ele diz, não com essas palavras, mas analisando a situação. “Se eu juntar o partido do boi, com esses evangélicos que já gostam de mim e exacerbar o discurso antipetista e arrastar a Lava-Jato junto comigo, trazendo a capangada minha do Rio, que tem voto, só fica faltando alguém me avalizar no mercado.” Essa ideia é do Bolsonaro.

O sexto partido é o que oferece a linguagem ao bolsonarismo. Se Bolsonaro falasse só com a linguagem do Paulo Guedes, jamais teria ganhado a eleição, certo? Bolsonaro ganha a eleição falando uma língua desenvolvida na internet, que eu chamo de **Partido dos Trolls**, que é toda essa coalizão de olavistas, terraplanistas, monarquistas, youtubers de extrema-direita, o bate bumbo do Carluxo no Twitter e no Facebook.







Essa é a turma que fornece a linguagem pro bolsonarismo vencer a eleição. É a linguagem do troll, caracterizada pela extrema agressividade e pela participação no debate de forma a dinamitar a possibilidade de conversa. Mas o que caracteriza o discurso dela é a [denegabilidade](#). Você nunca sabe se ele está falando sério ou se ele está brincando. Se ele é desmascarado na mentira, ele vira e fala, “não, isso é trollagem, é brincadeira, você não entendeu a piada...” e passa à trollagem seguinte. O Trump fez isso muitas vezes, nisso o Trump e o bolsonarismo são muito parecidos.

Essa é a anatomia do bolsonarismo à qual eu cheguei.

## **E ADIANTE?**

Quebrar o feitiço da atração bolsonaristas é uma tarefa muito difícil. Prefiro limitar o meu comentário ao que eu consigo descrever e analisar. Ou seja, eu posso descrever e analisar o que eu vejo como um possível futuro próximo, isso eu posso fazer, eu tenho obrigação de fazer, eu acabei de escrever um livro sobre os últimos 20 anos, tenho que ter condição de dar algum palpite informado sobre onde as coisas podem estar. Mas eu simplesmente não gostaria de, morando nos EUA, trabalhando numa universidade que é o topo da elite sobre estudos latino-americanos, ditar regras sobre como as pessoas têm que esvaziar o bolsonarismo. Elas têm que encontrar o caminho delas.

É pouco produtivo pra mim que o meu discurso adquira tons prescritivos. O que eu posso oferecer como uma elucubração ancilar à sua pergunta, é o seguinte. O mapa demográfico eleitoral brasileiro não é complicado, hoje. Ele se compõe ao meu ver de 3 elementos. O bolsonarismo tem por volta de 25% a 30% da sociedade.

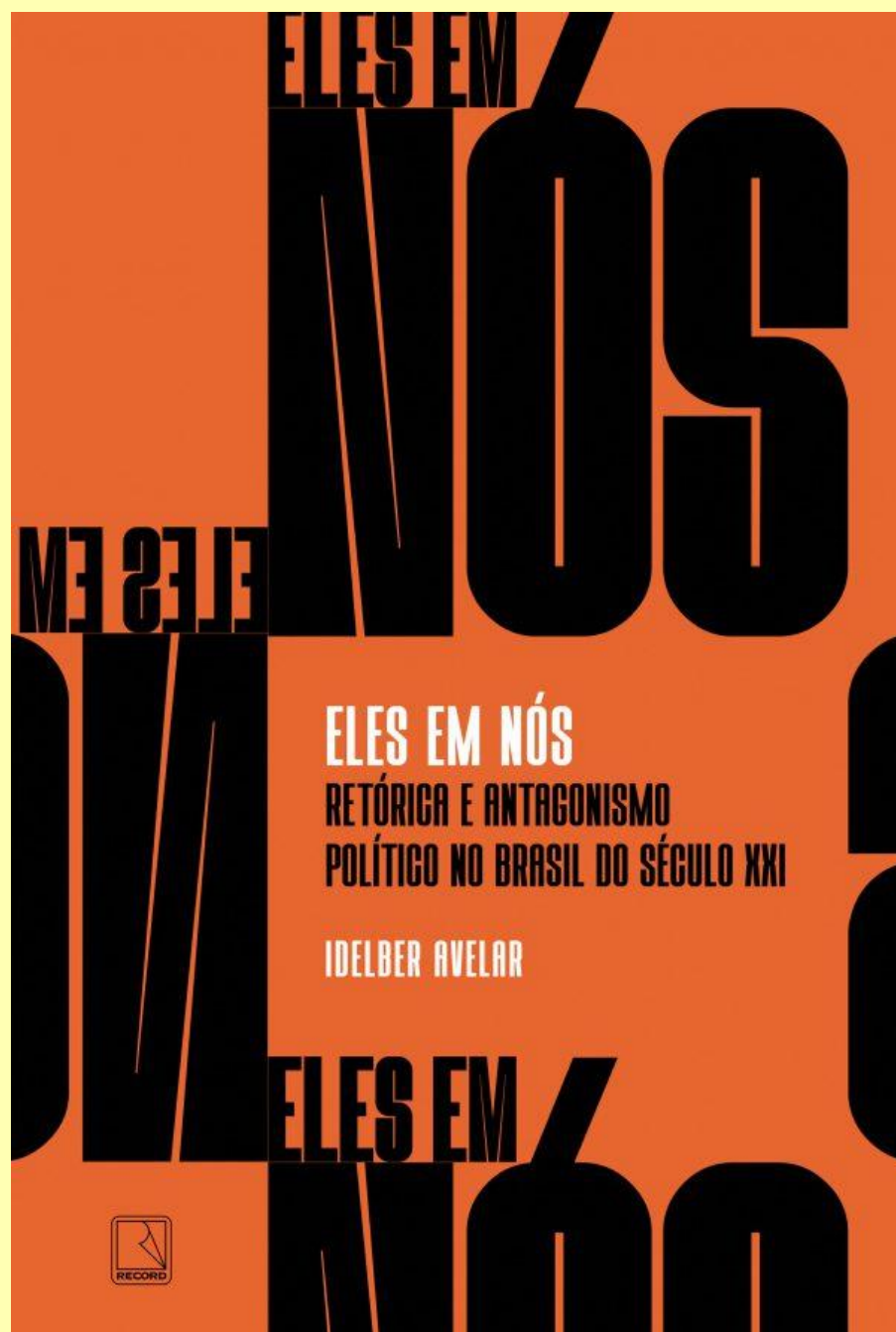
A maior força política brasileira continua sendo o antipetismo, que a gente pode localizar ali por todas as evidências disponíveis. Mais de 50% da sociedade brasileira vota, se precisar, em qualquer outro nome para não votar no PT e isso inclui Bolsonaro.

O terceiro componente dessa tragédia brasileira é que o petismo continua sendo a maior força política brasileira dentro das forças políticas não bolsonaristas. Ele mobiliza. Qualquer candidato que o PT lançar vai ter entre 15% e 20% dos votos. Então vamos resumir que Bolsonaro tem 30, o antipetismo tem 50% e o PT tem 20% e o PT não larga o seu lugar de protagonismo. Não largando o seu lugar de protagonismo, a tragédia se encaminha pra mesma coisa que aconteceu em 2018.

Isso é o que eu vejo deduzindo dos números que estão disponíveis pra nós. Como vai quebrar esse ciclo? As lideranças políticas brasileiras vão ter que se resolver e se encontrar e fazer, inclusive porque o povo organizado não tem como fazer, dadas as condições da pandemia.



# **ELES EM NÓS (RECORD, 2021) POR IDELBER AVELAR**



**CLIQUE AQUI PARA COMPRAR**

**amazon**



# 20

POR GABRIEL GALO

## O CONTROLE DO DISCURSO AUTOEVIDENTE

Olavo de Carvalho, pilar da retórica bolsonaristas.  
Foto: Reprodução | Internet



**C**ristão.  
Patriota.  
Conservador.

Armamentista.

Antiesquerdista.

Anticorrupção.

A descrição de perfis bolsonaristas no Twitter segue, em sua maioria, a mesma linha. E segue um modelo que habilita estas pessoas a se elevarem a uma superioridade moral auto-evidente. Afinal, como dizer que ser cristão é algo ruim? Ou patriota? Ou anticorrupção?

## O QUASE GOLPE AMERICANO

No dia 6 de janeiro de 2021, uma horda insuflada pelo discurso apocalíptico do então presidente dos EUA Donald Trump, marchou rumo ao Capitólio para impor sua vontade de garantir o mandato de Trump, nem que fosse na marra. Para eles, não havia dúvida da realidade autoevidente do propósito. O próprio nome do evento, March to Save America (Marcha para salvar a América) indicava a dita nobreza do ato. Para aqueles fanáticos apoia-dores não era, pois, uma insurreição, tentativa de golpe de estado, muito menos ato de terrorismo doméstico. Era um exército que agia para salvar o país, tão afeito a mensagens patrióticas de heroísmo militar.

A manipulação de Trump demonstra o poder que um argumento autoevidente possui. Mas para chegar a este ponto é preciso um trabalho extenso de mineração de dados e manipulação de massas.

## OS ENGENHEIROS DO CAOS

O processo de formação da nova maneira de se mobilizar o debate público foi descrito pelo escritor e jornalista italiano, porém parisiense de nascença, Giuliano da Empoli no livro [“Os engenheiros do caos: como as fake news, as](#)

[teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições”](#) (Vestígio, 2019).



O livro busca analisar como um ressentimento existente na sociedade, mesmo que não se materialize em ponto específico, pode ser identificado, manipulado e então direcionado com uso de tecnologia avançada de mineração e análise de dados. E estas informações, ou pontos de dados, no jargão tecnológico, nós mesmos oferecemos diariamente nas redes sociais, nos sites em que navegamos. O desafio era compreender, a partir destes dados, aspectos de comportamento que indicassem maior ou menor sugestibilidade a diversos temas. Dessa maneira, em vez de propor comunicação em massa, os gestores de divulgação de material político impulsionariam conteúdo adequado especificamente para cada pessoa. Como diz um amigo meu, o nicho é a nova massa.

A efetividade dessas campanhas altamente especificadas é muito maior. Porque um apelo emotivo – o ressentimento e o ódio são grandes mobilizadores – a uma comunicação sem ruídos, que não se perde em comunicados genéricos demais, ou fora do escopo de interesse da pessoa. É tiro certo para laçar a pessoa





trazê-la para um mundo particular em que a verdade não é exatamente o ponto central do debate. Exclui-se a racionalidade por inteiro, restando apenas sensações e sentimentos. E no caos, tendemos a nos agarrar ao que nos é conhecido.

Ao nos conservarmos no conhecido, nos fechamos ao externo. Vai-se além: o outro é objetivamente uma ameaça à compreensão pessoal. Afinal, ser-se diferente significa oferecer alternativa, algo que, num universo de ressentimento e ódio, não pode existir. Enxergar possibilidades amplia horizontes, expande o pensamento, aproxima o outro e tende a provocar questionamentos de certezas pessoais.

A formação dos chamados cinturões vermelhos nos EUA, bem como o efeito de votação do Brexit no Reino Unido, indica a maneira como este aspecto se dá. Nestes casos, criou-se vasto conteúdo de ataque aos estrangeiros que estão “invadindo o país e deturpando a tradição local”. Nessa linha, surgiram muitos conteúdos islamofóbicos – a origem da bandeira de Israel nos perfis vem dessa origem, evoluindo para uma retórica sionista que eleva o estado de Israel ao mundo ideal, mas que pouco tem de adequação à história e realidade brasileira. É interessante perceber, no entanto, como se dá o comportamento de voto. As regiões que mais aceitam o conteúdo islamofóbico são justamente aquelas em que praticamente não existem comunidades islâmicas. Temos, assim, que os grandes centros, que convivem mais abertamente com essa cultura, não aceita o conteúdo por conhecer mais dos impactos dessa cultura, enquanto o interior, fechado no medo, rejeita o que não conhece.

A última etapa da evolução do chamado ao fanatismo se faz pelo brado do ódio contra o outro. Cria-se um elemento fantástico, difuso, que pode ser personificado no inimigo da vez. Assim, em vez de um alvo certo, todo mundo é um, potencial agente do globalismo, do comunismo, de uma rede internacional feita para derrubar os valores essenciais de uma nação.



Inicia-se, portanto, na identificação do ressentimento, evolui-se para o medo do desconhecido e finaliza como chamado para propagação do ódio. E os elementos deste ideal de nação sob perigo se baseiam nos 3 pilares do fascismo: Deus, Pátria e Família. Com o componente adicional de Liberdade, mais bem descrita como Propriedade.

## NEOFASCISMO

Deus; Cristão.

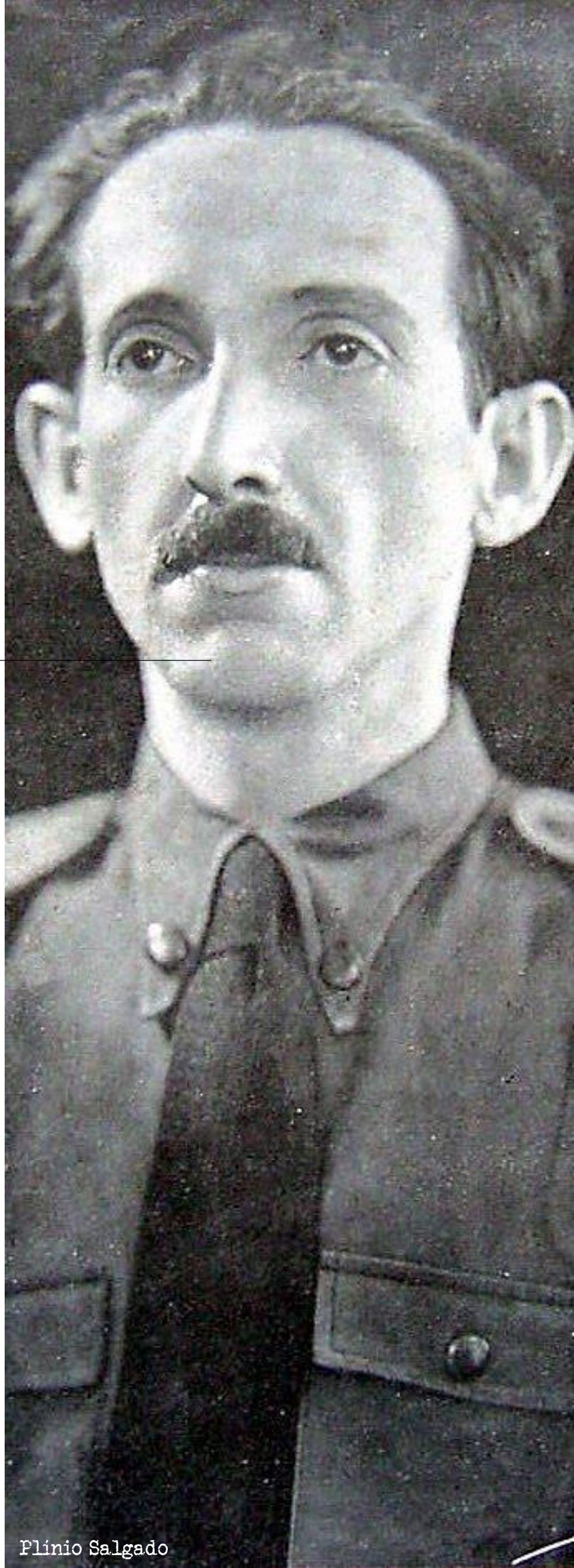
Pátria; Patriota.

Família; Conservador.

Os elementos descritivos dos perfis bolsonaristas seguem fielmente aqueles que sempre pautaram o fascismo original, que veio ao Brasil por meio de **Plínio Salgado** e sua **Ação Integralista Brasileira (AIB)**. Os camisas verdes – ou galinhas verdes, como passaram a ser pejorativamente chamados – eram despersonificados, sendo, os soldados rasos do integralismo, apresentados de maneira genérica.

A estrutura integralista tinha outros requisitos. O culto exagerado à personalidade do líder, organização hierárquica severa e submissão inquestionável aos superiores eram alguns destes requisitos. Não à toa esta estrutura segue à vista no meio militar. O militarismo é pilar do integralismo, assim como é hoje pilar hoje do neofascismo.

Em seu auge, o Integralismo uniu milhões de brasileiros em suas bases, além de ter conseguido entrar no quarto de **Getúlio Vargas** numa tentativa mal sucedida de assassiná-lo. Este assalto ao **Palácio do Catete**, no Rio Janeiro, aconteceu em maio 1938, no que se ficou conhecido como **Intentona Integralista**. O movimento tinha sido traído por Vargas, tendo ficado de fora da organização de poder com o **Estado Novo**, o golpe dentro do golpe. Plínio Salgado foi exilado e, sem o líder e sob violenta repressão, o movimento perdeu força.



Plínio Salgado



Logo, o fascismo integralista quase conseguiu fazer o seu golpe de estado, algo que o comunismo nunca esteve perto de conquistar. No imaginário nacional, no entanto, cabe à esquerda a alcunha de golpista, sendo que literalmente todos os golpes de estado no Brasil tivessem ação direta do exército.

A veia militar do fascismo contribuiu para demonizar a esquerda. Com a Ditadura militar brasileira (1964-1985), a esquerda foi o argumento do golpe, escondendo-se atrás da **Marcha da Família com Deus pela Liberdade** – que neste 2021 foi revivida com mesmo nome.

Mas de onde se extrai liberdade em regimes de exceção?

## LIBERDADE = PROPRIEDADE

A narrativa da Ditadura Militar foi o pilar para se mover o entendimento de liberdade. De início, vinha do medo: apoiar o golpe e a ditadura era condição para se livrar do comunismo, que priva as pessoas de ir e vir. Assim, estar sob um regime de exceção real era a condição para que não se vivesse sob um hipotético regime de exceção. Mas fez valer-se como realidade quando contorceu o conceito de propriedade privada.

A propriedade privada é pilar do sistema capitalista. E a ditadura explorou isso, numa repetição que permanece até hoje. **Guilherme Boulos**, por exemplo, sofre alta rejeição por conta do **Movimento de Trabalhadores Sem Teto (MTST)**, que tenta fazer valer a lei garantida na Constituição de uso social de imóveis desocupados. A concepção da rejeição ao **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)** surge do mesmo ponto: de que deve ser garantida a proteção da propriedade privada, mesmo que esta posse esteja em desacordo com a própria Constituição. Porque, acima de tudo, o dono do imóvel ou da terra deve poder fazer o que quiser com seu bem.



Confiscá-lo significa romper uma premissa superior, pois interpretativa. Adicionalmente, a Constituição cidadã de 1988 não foi escrita por militares; foi escrita justamente para proteger a democracia. Logo, uma vez deturpada a origem, a lei nem deveria ser considerada, pois feita pelos “outros”.

Outro ponto que permeia o imaginário brasileiro é o milagre econômico do fim dos anos 1960 até o começo dos anos 1970. Apesar de ter durado apenas 3 anos, é tratado não como exceção, mas como regra da gestão econômica da Ditadura. Gerou enorme desemprego, inflação galopante, mas por controlar a comunicação, o dito milagre prevaleceu.

Assim, abandonou-se o conceito de liberdade como liberdade de expressão, de ir e vir, ou garantia de direitos fundamentais. Liberdade passou a ser sinônimo de Propriedade, que deve ser exaltada e defendida. Nem que seja à bala.”





## A PROTOTIPAGEM DO CIDADÃO IDEAL

A adequação à força solidificou o conceito de cidadão ideal. Alguém cumpridor das regras, patriota obediente à força do exército – instituição naturalmente soberana da moral, pois derrotou o vilão comunista; e se soberana moralmente, é também em essência anticorrupção, pois em seu meio mal não há de prosperar –, temente a Deus e trabalhador. Isso criou o crescimento das construções autoevidentes de comportamento. Se o modelo ideal de cidadão é cristão, militarista, patriota e capitalista – no sentido de defensor da propriedade privada inviolável –, logo quem pular fora dessa linha é, automaticamente, inimigo. A Ditadura, portanto, estreitou esse conceito de inimigo, que passou a ser potencialmente qualquer pessoa.

Por muito tempo, esta herança esteve de certa forma escondida. Conhecer as diferenças de outras pessoas com o modelo ideal de cidadão

exigia ter contato direto com estas pessoas diariamente, o que era impossível. Até surgirem as redes sociais e passarmos a disponibilizar nossas informações e opiniões à vontade, acessíveis a quem quisesse ver e ler.

O perfil do brasileiro, contudo, pouco tinha mudado. Ele só estava agora mais visível. E quando estas pessoas, que herdaram o conceito de modelo cidadão, viram que praticamente todo mundo estava fora do molde, com o aditivo do cenário econômico em retração e a comunicação em massa da Lava-Jato vilanizava a esquerda – ela de novo! Chama os militares! –, o desespero bateu. Porque na simplificação de sinapses para equações complexas, resumiu-se o ocorrido a “a esquerda está quebrando o país e destruindo a família”.

## O EXEMPLO DOS EUA

Com os recursos que jorravam das organizações internacionais de financiamento à mineração de dados – via [Steve Bannon](#) e outros financistas da extrema-direita – o brasileiro era um prato cheio para a manipulação direta. Havia susceptibilidade e sugestionabilidades demais para serem ignoradas. E a vitória de Trump nos EUA em 2016 confirmou a possibilidade de efetivar o golpe “por dentro”. Qual seja: obter a liderança política por meio do voto, e uma vez como dono do poder, minar as instituições para que se recorra à última instância da implantação da Ditadura popular. Ou, como definiu [Viktor Orbán](#), ditador húngaro que é um dos precursores da atuação da extrema-direita, [democracia iliberal](#).

Hungria e Polônia, porém, não são exatamente países que se almeja se tornar. Para isso, era preciso uma potência mundial – seja econômica, militar ou cultural – de referência. E quando os EUA sucumbiram ao feitiço da extrema-direita, outros projetos se cacifaram.





## O CONTROLE DA NARRATIVA AUTOEVIDENTE

Tomar o poder tem um benefício superior. Estar constantemente nos holofotes – tática levada às últimas consequências na cartilha de Steve Bannon, promovendo uma blitzkrieg de absurdos e retrocessos – por estar no cargo mais alto da política mundial levava ares de formalidade às falas. De estúpidas, passaram a se tornar, se muito, polêmicas. Normalizou-se, pois, o discurso extremista.

E ao trazer para o centro do debate impropérios que deveriam pertencer somente ao submundo de negacionistas, exacerbou-se a violência retórica como método comum. Banalizou-se a agressão, a ofensa. Estas se tornaram elementos aceitáveis dentro de um desafio maior imposto pelo globalismo (sic) e marxismo cultural (sic). Mais até que aceitáveis: necessários.

A partir de uma prototipagem de cidadão ideal que vilaniza o outro, e pares extremamente violentos – vide tática troll de figuras como Olavo de Carvalho – os suscetíveis à atração da narrativa da extrema-direita foram encaminhados a um modelo de comportamento que somente se baseia em premissas autoevidentes, mas que não se fundamenta em fatos. Ela toda é um construto.

Assim, pela pressão direta ou indireta dos seus, os sugestionáveis procuram se enquadrar no modelo ideal. Seja no amor ou na dor, temendo ser alvo de ataques dos diversos gabinetes do ódio comandados pelo gabinete-mor no terceiro andar do Palácio do Planalto.

E conforme entendimento psicanalítico, quanto maior o esforço para reprimirmos em nós mesmos aspectos que consideramos inaceitáveis, maior será a violência com a que vigiamos os comportamentos fora da curva de quem está fora do núcleo.

Mas política não se faz somente com ideias. Para se fazer política, é necessário pessoas. Seitas precisam de líderes que personifiquem



essas qualidades. Ou que pelo menos consigam passar a ideia de que personificam essas características autoevidentemente boas. Pessoas podem seguir ideias, mas seguem com mais ênfase outras pessoas.

Apareceu, então, Jair Bolsonaro.

## **PERSONIFICAÇÃO: O ÚLTIMO PASSO À INSURREIÇÃO**

Para que se solidifique um conceito de cidadão modelo, é necessário que se forje um cidadão modelo. Jair Bolsonaro percebeu essa brecha e a aproveitou. E como detalhado anteriormente, não há necessidade de que este cidadão seja baseado em fatos, mas em conceitos.

Como militar, ele traz consigo a aura de patriotismo, disciplina e retidão moral. Contudo, bate continência para a bandeira americana, é terrorista expulso do Exército e possui diversas acusações de corrupção e crimes comuns ou de responsabilidade.

É o rústico homem provedor, modelo de cidadão que protege o que é seu.

É cristão, apesar dos vários divórcios e rupturas dos preceitos da fé, “mas olha quanto pastor o apoiando, eles não apoiariam se ele não fosse especial”.

E num esforço retórico impressionante, suas falas mais abjetas foram de maneira bem sucedida convertidas em um bonachão espontâneo, o tiozão do pavê, numa figura estranhamente simpática – embora não o seja.

Com suas falas agressivas quando confrontado, Bolsonaro elegeu inimigos importantes, especialmente o “tudo isso daí”. Ele era, enfim, o cidadão ideal sufocado pela normativa politicamente correta.

Atacar Bolsonaro, portanto, significa atacar estas premissas do cidadão ideal, estando o



Jair Bolsonaro, em 2018.





Arthur do Val, mais conhecido como Mamãe Falei, hoje Deputado Estadual por SP e Eduardo Bolsonaro, o 03 dos filhos de Bolsonaro, em foto publicada no Instagram. Nela, Arthur segura um fuzil e Eduardo segura com a mão esquerda uma pistola e com a direita uma placa em que se lê “eu pacificamente vou te matar.”

opositor do outro lado da força, vilão de maneira autoevidente, alguém que precisa ser combatido: comunista, globalista, que “perdeu a boquinha”, etc., sempre com palavreado chulo, de maneira a dinamitar o debate.

Bolsonaro assume, assim, a posição de líder de sua seita, sacerdote de sua própria religião, que batalha pela manutenção de valores conservadores, do Brasil real, do Brasil ideal, que tem nele o vértice, a convergência, a voz e a vida.

Só que o efeito deste comportamento irracional é tão mais forte quanto mais ampla for a base de apoio. Com as sucessivas tragédias por ele capitaneadas, boa parte de sua base eleitoral de 2018 abandonou o barco. Os que restam precisam lançar mão das táticas mais espúrias para manter a sensação de tamanho e de unidade. Sobram os mais fanáticos. E quanto mais se sentirem os últimos, mais veem crescer internamente o sentimento de ser mártir, de matar e morrer pelo seu líder, que foi abandonado por tanto, mas tem naquele apoiador, um dos últimos entre os últimos, a honra da glória sangrada mesmo quando a derrota era inevitável.

São estes os mais perigosos.

Os sinais de momento apontam para um bolsonarismo menor. Sobrará, pois, a horda mais engajada, que virá munida não apenas de discurso autoevidente, mas também de armas. Espera contar, e é para isso que Bolsonaro trabalha, com as polícias para que seja feita a sua vontade.

Não é exagero, portanto, entender que estamos perto do último passo rumo à insurreição. Ela está à nossa porta.

Há três batalhas em curso: uma em que as instituições rebatem como podem os ataques do bolsonarismo; outra que virá como insurreição; e uma terceira para restabelecer o discurso autoevidente de sinal invertido, ou seja, que Bolsonaro seja tachado como autoevidentemente a pior opção possível para o país.



TODO MUNDO TEM  
UM LADO BOM E UM  
LADO RUIM.



André Dahmer  
@malvados

MENOS O  
BOLSONARO.





# 30

POR GABRIEL GALO

---

A close-up portrait of a middle-aged man with thinning grey hair, wearing black-rimmed glasses and a dark blue pinstriped suit jacket over a white shirt and a blue patterned tie. He has a serious expression and a small grey mustache. The background is a blurred, warm-toned wall.

## STF E A FRAGILIDADE DA DEMOCRACIA



**E**m 28 de agosto de 2020, o STF (Supremo Tribunal Federal) deu baixa num processo que corria sobre a propriedade do **Palácio da Guanabara**, no Rio de Janeiro. O processo tinha como requerentes os herdeiros da **Princesa Isabel de Orleans e Bragança**, morta em 1921. Findava na formalização da votação da primeira turma do STF uma representativa chaga da morosidade da justiça brasileira. A petição inicial datava de 1895. Não, você não leu errado: foram 125 anos desde a apresentação do processo até seu julgamento.

Se este caso pode ser uma exceção em termos de longevidade, não altera o fato de que decisões do STF demoram muito mais tempo do que se faria necessário para que um senso de justiça fosse aplicável. Milhares de processos estão travados no STF há décadas, e as consequências desse atraso afetam a vida de todo um país.

As dissonâncias entre Direito e justiça se fazem mais perceptíveis quando se apartam suas finalidades e atuações. **Bruno Amaro Lacerda** em seu artigo “Clarice Lispector e o perdão: incidências e coincidências”, publicado no livro “**Imagens da justiça**” escreve que:

**“O Direito é senão uma luta, ao passo que a justiça é o escopo dessa luta. O direito está ligado a processo e litígios; já a justiça remete-nos ao equilíbrio e a harmonia, como, aliás, sugere a balança que sua personificação com frequência traz em mãos.”**

Só que as dissonâncias permanecem mesmo dentro dos instrumentos. Conforme explicou Monica Sette Lopes em “Personificações da justiça”, artigo no mesmo livro “**Imagens da justiça**” citado acima,

**“o problema é que a narrativa do processo não revela, em sua inteireza, o que seja direito.”**





Com isso, conclui-se, numa cadeia de liberdades interpretativas de acordo com interesses envolvidos entre as partes de um processo – partes essas não restritas aos elementos diretos da ação, como também aqueles que dela se valem, incluindo a magistratura e outros membros da hierarquia pública e até mesmo a pressão da opinião popular – uma ação pode se distanciar sobremaneira da justiça, que por sua vez, não tem necessariamente relação com a verdade – tema, aliás, de outra faculdade, a de filosofia. Manipulam-se interesses e instrumentos para direcionar o julgamento à parte interes-sada.

O recurso último de proteção ao Direito está na instância máxima. Desta forma, como mais alta corte de uma nação, caberia ao Supremo julgar apenas casos de ampla repercussão e alcance, como aqueles que impõem jurisprudências e releituras de leis e processos. Mas o dia a dia do STF se faz um espetáculo de julgamentos menores. A última instância da justiça nacional virou refúgio de recursos quando todas as outras etapas falharam – pelo menos aos olhos de um lado.

Em 1914, numa sessão no Senado Federal, Ruy Barbosa, patrono do STF, tentando amenizar reclamações de grupo de políticos com relação a uma certa decisão do STF, disse, em defesa da corte, porém reconhecendo sua falibilidade:

**Em todas as organizações políticas ou judiciais, há sempre uma autoridade extrema para errar em último lugar. O Supremo Tribunal Federal, não sendo infalível, pode errar. Mas a alguém deve ficar o direito de errar por último, a alguém deve ficar o direito de decidir por último, de dizer alguma coisa que deva ser considerada como erro ou como verdade.**



E o Supremo erra com frequência infelizmente recorrente. E eventualmente, se não erra na tecnicidade, erra no tempo. Porque, ao contrário do ditado popular, **justiça que tarda, falha por premissa.**

## **AS EVIDENTES FALHAS DO PROCESSO DE LULA NO ÂMBITO DA LAVA-JATO**

Cabe ressaltar que impressões pessoais e opiniões, em tese, não são atributos que impactam julgamentos dentro do Direito. Esta tese, entretanto, tem sido derrubada por seguidas verificações práticas.

Anular o elemento humano e seu julgamento essencialmente emocional – conforme exposto em diversos estudos em qualquer área de conhecimento, racionalizamos questões para trazer valor factual a uma conclusão primaria-





mente emocional – é impossível, mas caberia aos instrumentos técnicos reduzir esta interferência, trazendo o processo para dentro de etapas que atendem a premissas fundamentais do Direito. Para isso, questões como competência de varas, imparcialidade de um juiz ou juíza – declarando exclusão de partes por interesses ou envolvimentos paralelos, e garantia de separação total de interações da magistratura com as partes, como procuradores, defensores e advogados –, devido cumprimento de prazos, análise comprobatória – provas acima de convicções – e respeito a jurisprudências são alguns dos pontos que atraem um julgamento para dentro da regularidade do Direito.

No que o processo de Lula descumpriu todos estes pontos citados acima.

E se o episódio conhecido como a Vaza-Jato escancarou partes destes elementos, outros estavam óbvios desde o começo.

A incompetência da vara de Curitiba era notória. A ligação do julgamento de Lula com os casos de corrupção na Petrobras era mais que frágil. Conforme ficou evidenciado ainda mais com a Vaza-Jato, foi um exagero retórico, debatido insistentemente no corpo de procuradores da ação. Ampliando a questão, a incompetência da vara de Curitiba podia ser questionada até mesmo ao levar o julgamento destes casos de corrupção da Petrobras para Curitiba – quando Rio de Janeiro e Brasília pareciam os centros adequados.

A licenciidade com o ordenamento jurídico veio de investigações passadas sobre o doleiro dos doleiros, Dario Messer, atuante especialmente no Paraná. Assim, o processo não seguiu a competência da parte interessada – Petrobras – nem a da maior parte dos réus implicados na investigação – Brasília. Seguiu-se a competência de um criminoso que tinha escapado em processos anteriores de Moro, numa subversão inimaginável do devido processo penal.

A sanha de Moro trouxe alguns resultados de imediato. Políticos, empresários, funcionários, muitos foram presos e recursos foram recuperados aos cofres públicos nacionais. Este aparente sucesso foi catalisado com um extenso apoio midiático e fez até o STF ignorar os desvios de conduta praticados. Principalmente quando a Lava-Jato fixou olhar justiceiro em Lula.

Como a opinião pública comprou a soberania moral da Lava-Jato, até mesmo o STF deixou passar incólumes falhas graves no julgamento. Conduções coercitivas sem fundamento, interrogatórios repletos de achismos e demonstrações tolas de moralismo, substituição de provas por convicção, grampos ilegais, juíza substituta copiando e colando sentenças e citando depoimentos de uma mesma pessoa como sendo diferentes – demonstrando total desconhecimento do processo – o PowerPoint tosco de Dallagnol, a greve de fome... Tudo se tornou um espetáculo bufo de mídia e justicamento.





Caberia ao **STF**, guardião do Direito e da Constituição, por um freio nos desmandos da Lava-Jato. Mas o acovardamento da mais alta corte se fez valer por conta da pressão pública, para não dizer de eventuais ressonâncias de convicções pessoais.

Os habeas corpus hoje em voga no STF foram impetrados desde o início da Lava-Jato. E pouco importa se eu ou você acreditamos que Lula cometeu, sim, crimes. Importa, para o Direito, que se prove. E a **Lava-Jato** não foi capaz de coletar evidências. Baseado nisso, Reinaldo Azevedo, notório antipetista de antanho, sempre pede para que os amantes da Lava-Jato indiquem, dentro dos processos de Lula, onde estão as provas. Até hoje, ninguém conseguiu mostrá-lo nada. Porque ali há não mais subterfúgios semânticos e uma convicção tremenda. Porque o que se acha não é o que se julga, dentro do devido processo penal.

A Vaza-Jato veio escancarar de vez o quanto a Lava-Jato se afastava da justiça e tinha como objetivo maior a prisão de Lula. As conversas entre Moro e procuradores, combinando movimentos inerentes ao processo, violam abertamente o princípio da imparcialidade da magistratura. Expôs-se, também, o desprezo dos procuradores contra Lula, o quanto o devido processo penal era quebrado, o quanto eles sabiam que as provas dos julgamentos eram nulas e dependiam de uma certa coesão de discurso autoevidente de soberania moral da Lava-Jato e de deturpação ética do réu, e até as trapalhadas de uma investigação que se fez, no caso do crucifixo do gabinete de Lula, pautada por fake news de internet.

E se o STF não é conhecido exatamente por sua celeridade de julgamentos – cada pedido de vista traz consigo uma preocupação de adiamento indefinido de prazos – a interferência na eleição presidencial de 2018 exibiu o quanto a democracia brasileira é frágil e depende da caneta de uma pessoa com senso justiceiro.

Sergio Moro, juiz da Lava-Jato, que depois se tornou ministro da Justiça do governo Bolsonaro.  
Foto: Marcelo Camargo | Agência Brasil



## O PROBLEMA DE 2018 – OU DE 2022

Em 24 de janeiro de 2018, Lula foi condenado em segunda instância pelo **Tribunal Regional Federal da 4º Região (TRF-4)**, confirmando a condenação de primeira instância de julho de 2017 e aumentando a pena imposta pelo então juiz **Sergio Moro**. A prisão de Lula ocorreu logo na sequência, por decisão de Moro.

Ao mesmo tempo, foi impetrado um pedido de habeas corpus em favor de Lula. Em 3 de abril de 2018 ocorreu a fatídica ameaça golpista do então Comandante-Chefe das Forças Armadas, **General Villas Bôas**. E pressionado, o STF negou o pedido. Lula permaneceu preso.

Durante o ano de eleição presidencial, a Lava-Jato, avalizada pela imprensa que publicava o que vinha sem questionamento, lançando mão de recursos de semiótica para aumentar a rejeição a Lula e ao PT, retroalimentando a certeza da superioridade moral autoevidente da operação, atuou diretamente para mover a opinião pública, quando não para abertamente interferir no processo democrático.

Fê-lo ao agilizar o julgamento de Lula, com celeridade acima do que se observa em outros processos. Não que a celeridade seja algo ruim – tanto pelo contrário, conforme a premissa deste artigo. A questão se dá quando a defesa de Lula se mune de um discurso persecutório e os fatos o corroboram. Correu-se com o processo de Lula em julho de 2017 para haver tempo hábil para julgamento em segunda instância e, assim, tornar Lula, então favorito a ser novamente eleito presidente da República, inelegível pela Lei de Ficha Limpa. E seguiu agindo com ações pontuais que, isoladas, despertam suspeitas, mas em conjunto, são evidências de como o judiciário, em alguns poucos nomes de ímpeto desmedido, manipulam a democracia.

Em 2016, quando Lula foi nomeado por Dilma para ser ministro da Casa Civil, Moro liberou áudio de grampo ilegal com uma ligação entre Dilma e Lula pretensamente combinando acertos para oferecer foro privilegiado ao presiden-







te. O grampo era ilegal por muitos motivos: foi aprovado fora da legalidade de tempo total de grampo, este áudio especificamente foi obtido depois do tempo autorizado para grampo, além de envolver diretamente a presidenta da República. Um absurdo legal, feito para pressionar o STF a julgar a nomeação de Lula como desvio de finalidade.

Em 31 de agosto de 2018, o TSE indeferiu por 6 votos a 1 o nome de Lula como cabeça-de-chapa para a eleição presidencial. O partido se valia de uma medida cautelar emitida pelo **Comitê de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU)**. O argumento foi vencido por prevalecer a decisão do STF sobre de predominância do julgamento em segunda instância, causando inelegibilidade de condenados.

A última interferência direta da Lava-Jato veio pouco antes do primeiro turno. Moro autorizou a divulgação de trechos da delação de **Antonio Pallocci**, insuflando o sentimento antipetista e contribuindo para a eleição de Jair Bolsonaro.

Ganhou aspecto de fato, com a eleição de Bolsonaro, e consequente indicação de Sergio Moro como ministro da Justiça, a suspeição do juiz durante o caso. O recurso foi votado em partes. Cármen Lúcia e o próprio Edson Fachin já tinham declarado voto negando a suspeição. Mas isso foi antes da Vaza-Jato. O que antes era interpretação, tornou-se prova irrefutável do descalabro jurídico promovido pela Lava-Jato.

Edson Fachin anulou, em 8 de março, as condenações de Lula declarando incompetência da vara de Curitiba, e Gilmar Mendes pautou com urgência, para o dia seguinte, a votação do habeas corpus de suspeição. Ele e o ministro Lewandovski votaram a favor da defesa, confirmando a suspeição, e se valendo das mensagens da Vaza-Jato como baliza para a decisão. A ministra Cármen Lúcia declarou que tinha voto escrito e o lia – algo que somente tem sentido se for para alterar o voto prévio. Restava ao ministro recém-empossado Kassio Nunes indicar o andamento, mas ele pediu vista.



Cabe validar o pedido de vista de Nunes. Novato da corte, não acompanhou o histórico das decisões, tampouco teve tempo de se preparar, dada a urgência. Mas suscita desconfianças por ter sido indicado pelo presidente eleito pela ausência do petista no pleito de 2018 e pelos prazos alongados sobremaneira para retomada da votação.

No caso, mesmo que **Cármen Lúcia** altere o seu voto inicial, encerrar o julgamento depende da votação finalizada por todos os ministros. Até porque, até que o último ministro se manifeste, os outros ministros podem alterar suas decisões prévias.

Independentemente do que venha a acontecer no julgamento de suspeição – hoje inquestionável – de Sergio Moro, a decisão de Edson Fachin, ao anular as condenações de Lula, restabelece os direitos políticos do ex-presidente e o recoloca em condições de concorrer à presidência da República em 2022.

Há um lado jurídico de proteção de Fachin ao proferir a decisão monocrática – ato cada vez mais comum na Corte. Reconhecido protetor da Lava-Jato, argumenta-se que Fachin agiu preventivamente para manter as condenações da Lava-Jato, excluindo apenas o caso de Lula. Com isso, asseguraria a manutenção das prisões e confiscos de bens e valores obtidos com a operação. Percebeu Fachin que a tendência, no âmbito da Vaza-Jato, seria que todo o esforço se perdesse.

Mas há outro lado grave, gravíssimo. Seguindo o que comentaram Pedro Doria e Gabriela Prioli, a decisão de Fachin abre brechas em que somente a democracia sai perdendo.

Primeiro porque, ao decidir agora pela incompetência de vara – algo sem possibilidade de contestação – indica o erro do próprio STF ao validar a competência no início da operação.

De lá a cá, passaram-se 5 anos. Lula ficou cerca de 580 dias preso. E se a anulação ocorrer, por agora, Lula ficou quase 2 anos preso injustamente.







Cerceou-se a liberdade de um cidadão brasileiro por conta da morosidade da Corte e do erro último cometido por ela. Porque ou o STF errou então, contribuindo para burlar a demora brasileira e impedir um candidato favorito de se eleger, ou o STF erra agora, ao recolocar o presidente na disputa de 2022.

A competência da vara de Curitiba, porém, não é interpretativa. A suspeição de Sergio Moro, depois da Vaza-Jato, também não. São fatos.

O erro, logo, não é para 2022. Foi cometido por ação de agentes públicos justiceiros e omissão dos guardiões da Constituição, levando a 2018, e posterior eleição de Bolsonaro.

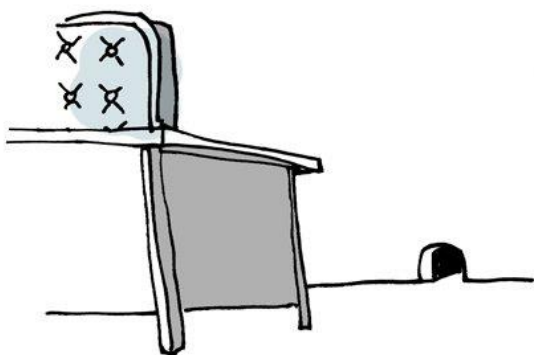
Juntando-se os fios, é de se questionar, no limite, a validade da eleição presidencial de 2018. Certamente, não chegará a tanto. Mas a tendência é de que a suspeição de Moro seja confirmada e que Lula permaneça inocentado.

O Direito é baseado em confiança. De que as várias camadas vão agir como contrapesos para manutenção de uma estabilidade processual que garante o livre exercício de defesa. Questiona-se, pois, até onde se estende o contorcimento persecutório de uns e protetivos de outros. Confiança, aliás, que o Brasil nunca mereceu, porque a construção do sistema judiciário e de segurança pública se alicerçou em defesa de desigualdades, encarcerando os mais pobres e dando um salvo conduto às elites para agir como bem entendessem.

Questiona-se, sobretudo, até que ponto podemos apelar às ditas instituições é fundamento para defender a democracia. Uma pretensa solidez das instituições independe justamente do avanço justiceiro personalista. Por mais que o efeito em cadeia potencializasse a opinião pública, bastou o chamado à ação com fé inabalável de pureza de intenções de um pequeno grupo de Curitiba, confiando na manipulação da imprensa e na covardia e demora do STF, para que o processo democrático brasileiro fosse deturpado.

Basta mesmo tão pouco?





© UERTE



# 40

POR DURVAL LUCAS JR

## DEMOCRACIA: INOCENTE NO MEIO DA POLARIZAÇÃO

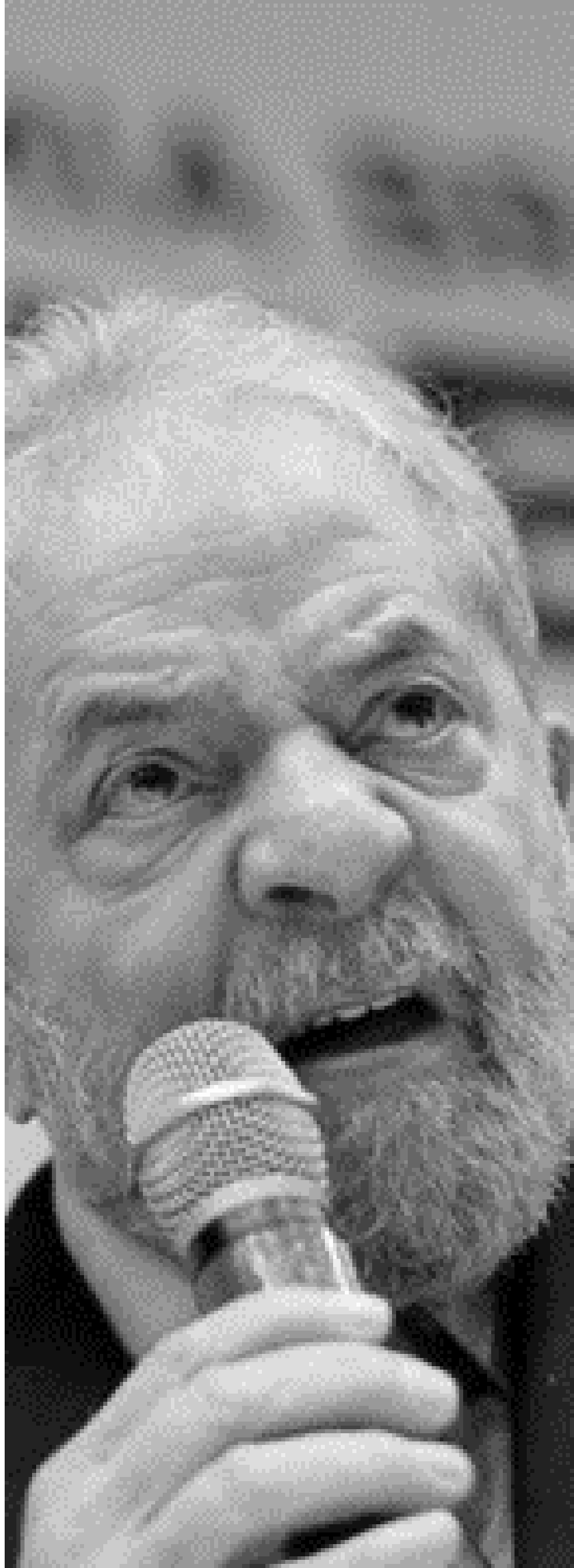


**A** notícia da anulação das condenações do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva por decisão monocrática do Supremo Tribunal Federal causou revolta em alguns, euforia em outros, mas certamente nos surpreendeu a todos. Dentre as principais decorrências dessa decisão, está a volta da elegibilidade de Lula para as próximas eleições presidenciais. O “eterno candidato” estaria de volta, pronto para mais uma batalha, a ocorrer ao longo de 2022.

Longe de ser uma unanimidade, Lula é um dos maiores responsáveis pelo cenário de polarização que o Brasil vive hoje. A política do “nós contra eles”, cultivada ao longo dos governos petistas, gestou Jair Bolsonaro e, conseqüentemente, o conduziu ao Planalto. Não bastasse o fato de que o Brasil já vem sofrendo bastante com o descaso que o atual presidente demonstra em relação às prerrogativas do cargo que ocupa, a volta de Lula à política nacional traz a justificativa ideal para o atual mandatário prosperar com sua narrativa autoritária: “Ou me tolera, ou ele volta!”

O “efeito Lula” certamente trará impactos à já deficiente ação federal no combate aos impactos da pandemia da COVID-19. Agora que o “vilão” está à solta – e qualquer suposto herói só sobrevive se houver um vilão a ser combatido –, o “mito” não hesitará em voltar à verborragia, e se esquivará de qualquer cobrança com o argumento de que está lutando para manter o Brasil livre da esquerda. Pediremos vacina, leitos de UTI e oxigênio, mas esperaremos trancados em casa como condenados, e ainda seremos chamados de “comunistas”.

A volta de Lula também atrapalhará a esquerda brasileira, que perderá a excelente oportunidade de renovar seus quadros, modernizar o discurso e se preparar melhor para 2022. Mesmo vivendo o clássico problema de falta de um plano de sucessão, a esquerda brasileira – que sempre se apoiou nos ombros de Lula – até que vinha, aos poucos, buscando uma solução para o seu vácuo de liderança.





Inclusive, a disputa pela prefeitura de São Paulo em 2020 mostrou que isso é perfeitamente possível. Porém, assim como nas empresas que não cuidam da sucessão – cujo caminho mais evidente é o da falência –, a esquerda possivelmente terá o mesmo destino, dada a rejeição ao lulopetismo ainda presente em grande parte da população.

Há ainda quem acredite que o retorno de Lula à cena política redimirá o Brasil da escalada autoritária que Bolsonaro vem conduzindo, e recolocará o país no caminho da prosperidade. Eu, particularmente, discordo. Se qualquer um dos dois assumir o governo em 1º de janeiro de 2023, certamente continuaremos a ver nossa já combatida democracia cada vez mais fragilizada. Cada qual da sua forma implantará cada vez mais mecanismos de concentração de poder, e entraremos todos numa espiral totalitária sem precedentes. Não se trata de catastrofismo, mas de história. A nossa, e a dos vizinhos sulamericanos, por exemplo.

O único que poderia resolver essa disputa de uma vez por todas, infelizmente, foi cooptado pela polarização, e está achando o máximo torcer pelo próximo presidente como se estivesse numa partida de futebol. Ele mesmo, o eleitor brasileiro médio, que se comporta de maneira inconsistente com o sistema político que adotou: espera um “salvador da pátria” que se perpetue no poder como se fosse monarquista, torce pelo impeachment como se fosse parlamentarista, mas quer votar diretamente como um presidencialista. Por essas e outras, sigo firme nas minhas convicções parlamentaristas. Se toda a disputa fosse pra ver quem será o primeiro-ministro, certamente o cenário seria outro, e haveria uma luz mais forte no fim desse túnel.

Já sabemos que Bolsonaro não tem nada de democrata. Mas se Lula realmente o fosse, retiraria de vez qualquer possibilidade de candidatura para 2022. Com sua influência e seu carisma, serviria muito mais ao país se trabalhasse pela construção de uma esquerda competitiva, que unisse o país em torno de

propostas concretas que levassem o Brasil ao progresso socioeconômico. Ajudaria a livrar o Brasil do retrocesso e a preservar a democracia. Mas, infelizmente, como ele só pensa no próprio umbigo, e muita gente o segue como se fosse um Deus, o Brasil pagará o pato mais uma vez.

Tomara que, em relação a tudo que escrevo aqui, eu esteja totalmente errado. A começar pelo eleitor, se passar a entender o real significado de alternância de poder, e a importância de sairmos dessa polarização para o bem da democracia. Se a esquerda continuar seu processo de renovação, e entrar de uma vez no século XXI. E, por fim, se as forças democráticas trabalharem “como nunca antes da história desse país” na construção de uma terceira via que realmente seja uma alternativa viável “a tudo isso que está aí, talkey?”.

**APOIA.se**  
**/PAPODEGALO**



# 43

POR GABRIEL GALO

---

# O QUE ESTÁ CONTIDO NA FALA DA PRETENSA POLARIZAÇÃO



**Q**uando FHC foi eleito para seu primeiro mandato em 1994, seu principal mote de campanha era o sucesso do Plano Real. A derrubada da inflação abria as portas de um novo Brasil, em que muita gente descobria possibilidades recentes, como poder carne de frango – em período de hiperinflação, comer carne era luxo para poucos.

Em 1998, foi reeleito prometendo vencer o desemprego. Lula assumiu em 2002 com um novo projeto de Brasil. Apelou ao Lulinha paz e amor para envolver o centrão e o mercado, despintando-se de ameaça. Até mesmo Dilma, em 2010, foi eleita tendo a continuidade do Brasil lulista como centro de sua campanha.

Entre 1994 e 2010, portanto, as eleições políticas para a presidência da República foram pautadas, em maior ou menor grau, em debates sobre planos de Brasil.

A partir de 2014, as eleições tomaram outro rumo, visto também em 1989 – exemplo que foi tomado erroneamente como exceção de uma democracia que aprendia seus passos. No duelo Dilma x Aécio, discussões sobre Brasil foram deixadas integralmente de lado e fez-se a vez de acaloradas acusações do outro e autopromoções como vertentes da moralidade autoevidente.

A campanha de Dilma atacou vergonhosamente Marina Silva.

Aécio transpirou misoginia e se posicionava como líder de uma frente de correção pública, validada pela vilania do PT exposta com a embrionária Lava-Jato – ou teria sido esta consequência de uma percepção consolidada em grande parte da população? (Nunca se deve subestimar o “precisamos fazer alguma coisa” dito por gente que enxerga nas travas democráticas e do devido estado de Direito limitações para julgamentos de entendimentos generalizados.

Desde então, não se debate mais projeto de Brasil. Debate-se tão somente rasos argumen-







tos autoevidentes, em que alguns emergem como opção única – claro – para resolver os problemas do Brasil. Viveremos sempre sobre a sombra do sebastianismo.

O retorno de Lula ao cenário político nacional, então, retoma o inimigo concreto que Bolsonaro elege esporadicamente para personificar sua luta contra um inimigo difuso e incompreensível, como globalismo, comunismo e afins. Por isso mesmo, este inimigo difuso pode se mutar em literalmente qualquer coisa.

Lula não é a personificação do inimigo difuso, aquele que concentra todos os males. Se para os bolsonaristas, o presidente concentra todas as virtudes, Lula é o seu exato oposto.

Num primeiro olhar – um tanto preguiçoso –, esta é uma conclusão possível. Para os bolsonaristas, Lula é o polo oposto. Só que é preciso entender a forma de atuação do debate bolsonaristas para compreender o quanto esta conclusão é equivocada.

Na formulação de um inimigo difuso, conforme escrevi em artigo na da **Papo de Galo\_ revista #1**, ele assume qualquer forma. Lutar contra um inimigo difuso é tarefa hercúlea, porque a depender da imersão retórica dos fanáticos, tudo é possível. E estão estes convertidos à mercê da vontade do tirano, que direciona as babas iradas da claqué a partir de instruções de gabinetes do ódio.

Ou seja: quando há um extremista – no caso, um representante fidedigno da extrema-direita – no palco político, literalmente qualquer outra pessoa que lhe faça frente será convertido em polo. Assim, no bolsonarismo, a polarização é dada, é a regra do jogo.

De que maneira, então, Lula é a polarização que tanto se deseja evitar?

A princípio, é o debate sobre planos de Brasil. Mas isso deixa de acontecer com a presença de Bolsonaro, não com a presença de Lula. No que se chega a duas outras conclusões.



A primeira é a de que para este grupo que assim se expressa há um desespero para se retomar a pauta pública, para impor a narrativa que sempre controlou. É, portanto, a birra de uma elite que perdeu por completo as rédeas da opinião pública, e para poder retomá-la, entende que é preciso que se pinte os indesejados de outras cores que não as suas.

Lula, no entanto, não está mais próximo de Bolsonaro do que está justamente dessas pessoas. Dentro de um entendimento consolidado do perigo que é se manter Bolsonaro no poder, o rival com maior potencial a batê-lo é escanteado por conta de, voltemos a ela, uma pretensa superioridade moral da direita limpinha.

Foi investido tempo e recursos demais vilanizando Lula e o PT. É preciso manter essa linha, em nome da tão famosa palavra em tempos de superficialidade de BBBs, de coerência, de “ser fiel a seus princípios”.

E que princípios são esses em que se permite abrir mão da democracia? Que princípios são esses, afinal, que unem como polos extremistas um projeto de ditador, claramente inapto, inepto e corrupto, a alguém que sempre atuou dentro dos limites da democracia?

Unir Bolsonaro e Lula como extremos é um desserviço justamente para o iluminismo do debate público que pretensamente se deseja.

Não é, pois, a democracia o bem maior dessa gente. Nem a elucidação de visões para amansar o diálogo. É, pois, uma sanha punitiva que encontra escape na aniquilação de Lula e do PT.

Há, por fim, uma terceira via de conclusão possível. Ver, depois de tanta campanha negativa, Lula se reerguer é desesperador para quem se mantém às margens do debate público, irrelevantes na pauta. Ressentimento – pra não dizer inveja – define, em partes.









# 48

POR GABRIEL GALO

# O EFEITO LULA





**A** reentrada de Lula como adversário político efetivamente poderoso cria um embate ao qual até então Bolsonaro não estava acostumado. Se há um caminho possível para se aceitar o fator polarização é o de ter em **Lula** um fator gerador de pautas e de mobilização de massas que somente Bolsonaro teve nos últimos anos. Nesse sentido, Lula rivaliza com Bolsonaro, que perdeu o controle da narrativa desde a decisão monocrática de **Edson Fachin**. E especialmente depois da coletiva de Lula no Sindicato dos Metalúrgicos, os mais diferentes meios impactados por sua fala tiveram que se adaptar à nova realidade.

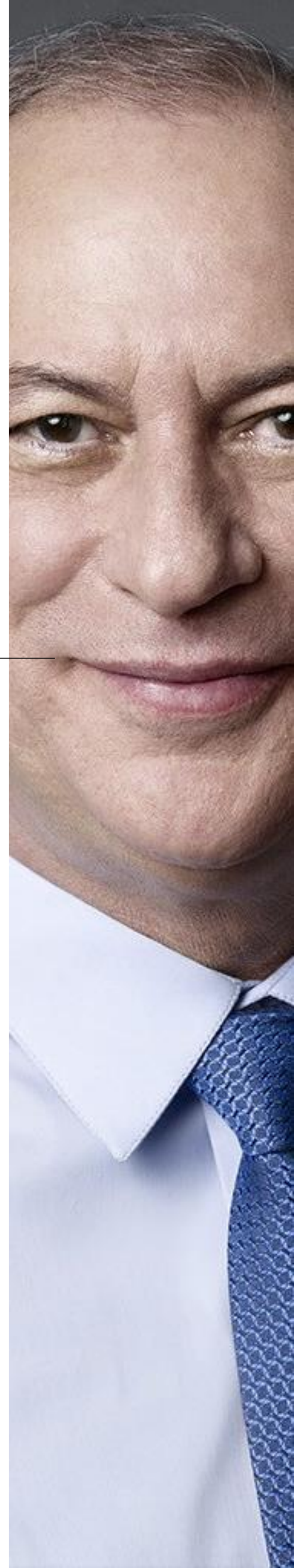
O mercado e os ditos analistas econômicos mostraram a sua face mais nefasta. O mercado, ao precificar um inexistente risco Lula – falácia comprovada em 2002 – enquanto faz a Janaína – ai, o Presi! – para o desmonte público do Brasil como economia e como nação. E os analistas econômicos se arrepiaram pelo preconceito, apelando a clichês sem fundamento para passar aquele pano necessário às conclusões do tal “mercado”.

Outros que militam no campo da esquerda se ressentiram da volta, em especial **Ciro Gomes**. O cearense de Pindamonhangaba, que na derrocada do PT buscou se posicionar como alternativa consolidadora à centro-esquerda – flertando com muitos da direita democrática no processo, no que está certo, diga-se – se viu, com Lula, sem possibilidade de crescimento. O discurso conciliador de Lula, algo em que o ex-presidente se provou capaz ao amearhar a maior bancada de apoio no Congresso já vista, o faz menor.

E dentro do governo a postura teve que mudar. Se a coletiva do dia 10 serviu muito a isso, uma pesquisa do dia 11 de março mostrava o nível de rejeição de Bolsonaro e de sua gestão da pandemia. Nela, Bolsonaro é derrotado por 4 outros nomes num hipotético segundo turno: o ex-ministro da Saúde **Henrique Mandetta**, **Ciro Gomes**, e os petistas **Lula** e **Fernando Haddad**. A distância para Lula é grande demais. Percebeu, com isso, que seria necessário alterar a maneira como atua na pandemia.

No dia seguinte, apareceu em evento público de máscara, sendo que numa live poucos dias antes tratou uma enquete de internet como se fosse estudo científico para justificar não usar máscaras. E passou um recibo de que sentiu sobremaneira a fala de Lula ao, na *live* do dia seguinte à coletiva do petista, aparecer com um globo terrestre em sua mesa.

Se há algo para que a volta de Lula serve – independentemente de ele ser candidato em 2022 ou não, de perder novamente no futuro os direitos políticos ou não – é para expor a superficialidade das análises políticas e econômicas das principais correntes de poder e meios de comunicação.







Nesta linha, desenvolvo a partir do raciocínio trazido por Idelber Avelar. Se a academia não bebe na fonte de outras ciências, articulistas se fecham ainda mais nas convicções para cometer opiniões oyâmicas, promover acintes em formas de editoriais do Estadão e, em prol de ouvir “todos os lados”, citar elementos e figuras que estão do lado de lá, fora da civilidade e do conhecimento.

Na política, realinhou os eixos do Centrão, que agora, sim, tem alternativa de aliança com alguém com força para derrubar Bolsonaro no voto. Arthur Lira e Rodrigo Maia logo mandaram seus “oi, sumido” para Lula.

E aqui está, no meu ver, o motivo para a maior inconsequência cometida por Bolsonaro, que foi limar **Ludhmilla Hajjar** e o Centrão para efetivar Marcelo Queiroga como ministro da Saúde.

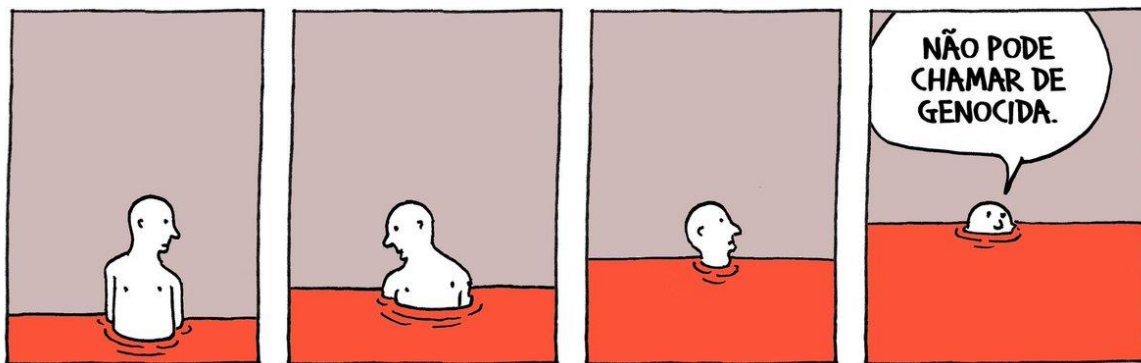
Bolsonaro opera na base da exigência de fidelidade absoluta. Só que o Centrão não oferece fidelidade exclusiva. Vai com quem se cacifa ao poder. E quando Arthur Lira acenou a Lula, Bolsonaro encarou esta postura como uma ofensa pessoal, uma traição. E limitado cognitivamente que é, deu as costas a Lira na indicação de um nome qualificado para assumir o ministério da Saúde no lugar do incompetente – para dizer o mínimo – Eduardo Pazuello.

Que outro motivo haveria para confrontar tão abertamente o Centrão senão a estupidez de um infantilizado presidente?

Não durou muito, por óbvio, a postura mais correta de Bolsonaro perante os aspectos da pandemia. Voltou a defender, mesmo que a portas fechadas, a cloroquina, trocou o ministro da Saúde por outro capacho igual, voltou a ameaçar diretamente as instituições com alusões a golpes militares.

O efeito Lula é fundamental para expor ainda mais o perigo que é Bolsonaro e sua claque, que foi às ruas buzinar sua ignorância. E mostra que há esperança ali na frente de que este pesadelo contínuo de um Brasil bolsonarista finalmente termine.





André Dahmer  
(Twitter) @malvados



# 52

POR GABRIEL GALO

# COMO FICA A REJEIÇÃO A LULA?



**N**a eleição de 2018, o maior sentimento político do país não foi um de aprovação a um modelo político ou a um candidato: foi o de rejeição a um partido e a uma pessoa. O antipetismo foi o motor das decisões de voto, suprimindo por completo a razão, e estimulando decisões por meio de argumentos autoevidentes.

Lula? Bandido.

PT? Organização criminosa.

Governos do PT? Cleptocracia que visava se perpetuar no poder.

Parte desse sentimento veio de erros das administrações petistas. O Mensalão dissolveu a aura puritana do PT – embora Lula ainda fosse eleito para mais um mandato e o terminasse com 87% de aprovação. Mas foi durante os governos **Dilma Rousseff** que os problemas estouraram.

As manifestações de 2013 expuseram a insatisfação popular com uma economia que apenas ensaiava uma curva para baixo, mas que tinha em seguidas acusações de corrupção, exemplificadas pelos nababescos estádios para a Copa do Mundo e o mundaréu de obras paralelas, jorrando dinheiro público pelo esgoto – mas isso segundo a semiótica da Globo.

A gestão Dilma foi, sim, cheia de erros. Erros na gestão das finanças públicas, no que muitos consideram propaganda enganosa durante a campanha, na incapacidade de negociação com o Congresso. E a partir de 2014, nasceu a Lava-Jato, fortalecendo o sentimento de justicamento de um grupo abnegado, lutando contra uma pretensa organização criminosa.

Se há na rejeição raízes inerentes às consequências práticas dos governos petistas, a ojeriza veio a partir da Lava-Jato – com anuência e impulsionamento de boa parte da mídia. Lula foi feito alvo principal, aquele que seria o elemento maior da cadeia alimentar da corrupção desenfreada, ou, como diriam os memes falsos de internet – alô fake news! – o maior esquema de corrupção da história. Exagero que caiu como uma luva para os anseios de uma classe média que bateu no teto do consumo, mas ao chegar lá encontrou endividamento e uma vida assim não tão diferente.

A Lava-Jato, então, expôs suas garras e partiu para cima de Lula, que de presa, logo foi preso. Devassou o histórico de Lula como pôde. O objetivo era encontrar aquele ponto escondido em que fortuna amealhada estaria guardada. Mas tudo o que encontraram foram reservas em previdência privada – com valores integralmente declarados –, o triplex do Guarujá –



Foto: Carlos Rosillo | El País





Foto: Dida Sampaio | Agência Estado

que não era nem de **Lula** nem de **Marisa** –, o sítio de Atibaia – um arremedo de processo – e as entradas de recursos no Instituto Lula – também tudo ‘por dentro’.

Diz uma conhecida, certa das falcatruas de Lula, que o fato de não terem encontrado nada é porque a vida que ele leva, há décadas morando exatamente no mesmo endereço, sem luxos ou regalias, é pura fachada. Pois haja perseverança no propósito para manter uma fachada assim tão singela. E haja qualidade de escoamento de recursos e lavagem de dinheiro para que o máximo que tenham encontrado tenha sido processos frouxos de propriedades que não são dele.

É o paradoxo do fanatismo de convicção: a ausência de provas é certeza de crimes.

Atendo-se aos fatos, no entanto, o caminho indica outra conclusão. O que é mais provável, face a essa nova realidade exposta pela Vaza-

Jato e referendada pelo STF: que Lula tenha um esquema indetectável de lavagem de dinheiro, mesmo com toda a PF empenhada na investigação e mantenha uma vida espartana sem poder usufruir dos recursos que supostamente roubou, ou que o que se viu até agora tenha sido uma grande farsa, panaceia armada pela convicção de quem se viu e se vê acima da razão?

Todos os fatos, alguns emergidos recentemente, indicam a segunda opção.

Então como fica a rejeição a Lula? Como fica a rejeição quando se desfaz a cortina da certeza irretratável para colocá-la como farsa repugnante?

Esta mesma pessoa conhecida citada acima, que expõe a ojeriza ao PT sem reservas, quando perguntada, não conseguia dizer o motivo. Ensaiou falar de Lulinha, repetindo fake news que mais se adequam justamente aos



filhos de Bolsonaro. De Lula, no cerne, apenas o “não gosto”.

E aqui está o trunfo maior de Lula e sua momentânea inocência: ela despe de razão a sua rejeição, deixando apenas o gosto amargo do ódio. O que está ali, na maior parte dessa rejeição atroz, é tão somente o pior lado possível do ser humano. E o lado ruim adorou ter um manto de civilidade para disfarçar sua ira. Agora há pouco além do puro sentimento de repulsa infundada. Que foi alimentada justamente pela Lava-Jato.

Não seria, pois, essa rejeição, assim como o processo de Lula, uma farsa de uma narrativa que um certo grupo tentava vender?

Estamos todos suscetíveis a sermos marionetes de péssimas intenções quando a fala odiosa de

alguém encontra fiapo de similaridade num achismo pessoal.

Agora, no entanto, há somente o ódio. Caíram as máscaras, que, aliás, gente como Bolsonaro nunca quis usar. Ele sempre ali, limpo, aberto, raso como um pires e raivoso como um rato acuado.

Em algum momento, a rejeição a Lula vai cair. Seu nome, por sinal, altera por completo a corrida presidencial. Tem rejeição menor que o PT. E vai acelerar seu favoritismo – ou de seu candidato – em 2022 quanto mais explícito for quão absurdo foi seu envolvimento na Lava-Jato e quão espúrio Bolsonaro é.

Mas há de se olhar para dentro e entender qual é o parâmetro interno de uma moral que apelou à incivilidade há apenas 3 anos. Retomar a via da moderação é representação da queda de Bolsonaro.





# 56

POR FERNANDA GALVÃO



QUANDO VIRÁS,  
Ó, ENCOBERTO?



**A**posto que o mensageiro que levou a notícia do desaparecimento de D. Sebastião, rei de Portugal, na batalha de Alcácer-Quibir, lá no longínquo ano de 1578, jamais imaginou que este mito seria tão pesado e tão determinante na construção do imaginário coletivo do brasileiro dos últimos anos, quando o assunto é política.

Porque olha, vou falar uma coisa pra vocês, é muito tempo esperando o rei voltar. E ao que tudo indica, nas eleições de 2022 seguiremos nessa espera.

Vamos voltar um pouco no tempo. Lá em 1578, D. Sebastião sumiu no meio da batalha. Como não havia um corpo, o povo ficou esperando, nutrindo a ilusão de que ele um dia voltaria para salvar o povo português de todos os problemas advindos do seu desaparecimento. E aí é aquilo, né, virou mito e o Sebastianismo, o nome daquele sentimento que um povo tem quando espera um salvador da pátria.

Parece familiar? Pois é.

Em **O Estado Espetáculo**, **Roger-Gérard Schwartzberg** divide os políticos em quatro arquétipos - o líder charme, o pai, o homem simples e o herói. Já tivemos de um, tudo na nossa política, tivemos até gente se apresentando primeiro com um arquétipo, depois outro. Mas de uma maneira geral, estes arquétipos são usados por nós, consultores políticos e profissionais do marketing, na construção do discurso e da espinha dorsal das campanhas eleitorais, na definição da forma de apresentação do dito cujo que está lá pedindo o voto, enfim.

É tipo o lançamento de um produto. E é claro que, antes de botar pra venda, a gente faz pesquisa pra saber que tipo de produto o povo prefere naquele momento específico. Já tivemos momentos em que o eleitor queria o líder charme, ou seja, aquele cuja lábia é no talento. Já tivemos a vez do pai, aquele que cuida. O herói, aquele do “deixa comigo”. E é claro que também já tivemos espaço pro





homem simples, o self made man, o “vim de baixo”. É assim, é do jogo.

Mas... pois é, sempre tem um “mas”.

Desde o acirramento dos ânimos nas ruas, durante as manifestações de 2013, culminando com o surgimento do antipetismo, vimos isso muito claro: o sentimento de espera pela chegada de um salvador da pátria, um super presidente que nos salvaria de todo o mal, amém. Em 2018 isso ficou escancarado. Pesquisa do instituto CNT-Sensus, publicada em fevereiro daquele ano, mostrou que enquanto 44% do eleitorado dizia-se descrente da política, 82% diziam preferir um candidato que demonstrasse “confiança” e 78%, que o mesmo demonstrasse ter “pulso firme”. Ou seja: alguém enérgico e de brios. A mesma pesquisa mostrou que 44% do eleitorado queria que o candidato efetuasse profundas mudanças sociais. Confiança, atitude, resolutividade: ingredientes para a construção de um... mito?

O que deu o pontapé da conversa em 2018 foi o embate entre duas vertentes antagônicas dentro de um mesmo universo: o PT e o antipetismo. Lá no comecinho, o presidente Jair Bolsonaro começava a despontar mas não havia se tornado o que virou de vez durante a corrida presidencial, ou seja, a personificação do que seria como única alternativa viável para tirar o partido da estrela vermelha do pódio. Só que a coisa foi evoluindo até virar uma doutrina própria, o bolsonarismo. Que não engloba todos os que no atual presidente votaram, mas que garante a sustentação desta *fanbase* até hoje.

E aí, o que é que a gente tem hoje? Temos os petistas aguerridos - tanto que esta semana, após o anúncio do ministro Luiz Edson Fachin sobre a incompetência do TRF4 em avaliar o caso do ex-presidente, começou uma corrida pela filiação ao partido. Temos os ex-eleitores de Bolsonaro arrependidos. E temos os bolsonaristas, a *fanbase* que não o abandona. A galera que faz barulho nas redes sociais, que movimenta o WhatsApp. O que todos eles têm em comum? O Sebastianismo.







É este sentimento que faz com que eu ouça da mesma pessoa que diz que não acredita mais em política, um desejo de que um presidente resolvesse “tudo o que está aí”. Aliás, esta frase, o “tem que mudar tudo o que está aí” manteve-se no patamar mais alto das sentenças ditas nas manifestações em 2013, 2014, na campanha de 2018. Não se vê, na massa, uma tradução específica, tipo “ok, beleza, o que a gente precisa é x”. E isso, infelizmente, não é de hoje. Esse sentimento, o Sebastianismo, dorme um pouco mas ressurgue com força quando o calo aperta.

Este sentimento gestou o Getulismo, por exemplo. Deu forças para a ascensão do Regime Militar. E levou ao poder o que vemos hoje, numa situação até cômica: elegemos com a missão de resolver tudo uma pessoa que se manteve no Congresso por quase 30 anos sem praticamente nenhuma produção legislativa que justificasse esta decisão. Habilidade política? Capacidade gerencial? O Sebastianismo não quer nem saber, ele só espera que nossos problemas sejam resolvidos por este ser incrível e mágico que existe no imaginário das pessoas. Desde 1578.

**APOIA.se**  
**/PAPODEGALO**



# 60

POR GABRIEL GALO

---

## A DESUMANIDADE DO MERCADO



**C**onsolidou-se recentemente o entendimento de que a economia do Brasil somente poderá decolar se as reformas forem feitas. Trata-se de uma herança cultural de uma elite que desde o Brasil colônia defendia a escravidão porque ela “quebraria os produtores”. As discussões sobre reformas desde então obedecem a esta premissa: é preciso aliviar o peso sobre os empresários, coitados. E como benefício extra, manutenção de privilégios.

A estruturação do raciocínio segue uma premissa válida – a Previdência é deficitária, dilema global ainda sem solução, se é que há; o sistema tributário nacional é complexo demais; pequenos empreendimentos, em tempos de crise, não têm estabilidade financeira para manter empregos e benefícios – e evolui para uma definição que pende para uma injustiça recorrente. A reforma da previdência aprovada recentemente escancara como a conta sempre sobra para os mais pobres pagarem.

Os privilégios de militares e políticos foram mantidos intactos. Na verdade, para os militares houve até melhoria. A reforma tributária envolve corte de impostos para empresas, mas o imposto de renda segue sem atualização inflacionária, prejudicando exatamente os mais pobres, que se veem comprometendo parte maior de sua renda em imposto.

Para alguns, “é melhor ter alguma reforma que nenhuma”. Esta afirmação não poderia ser mais equivocada. Porque se há uma política pública que aumenta disparidades entre classes, ela está fundamentalmente errada.

O mercado, no entanto, não liga para políticas públicas que diminuam distâncias e promovam o bem-estar coletivo. E se a premissa deles é a manutenção de privilégios, nem ao menos a democracia é um bem assim tão necessário. O que me levou a criar uma expressão: **democracia de mercado**.







“

## DEMOCRACIA DE MERCADO

**Aquela que só é boa coisa quando aprovada pelo mercado, este ser difuso – mas com cor de pele e saldo bancário definidos – que não se envergonha de abraçar o autoritarismo para manter privilégios e ampliar disparidades de classe.**

”

A volta momentânea de Lula é mais um indicativo de como esta gente não se baseia em fatos para decidir suas transações, e assim validar a teoria da democracia de mercado. Porque nunca o tal mercado ganhou tanto dinheiro quanto nos anos Lula. Nunca bancos lucraram tanto, nunca empresas cresceram tanto, nunca houve tanta valorização percentual de ativos de renda variável. Qual a lógica

para, então, cair ao primeiro sinal de Lula? Ou subir depois do discurso conciliador de Lula no Sindicato dos Metalúrgicos?

Porque o tal mercado precisa da garantia que o próximo político a assumir a cadeira seja alguém que conduza seu governo a partir da democracia de mercado. Lula o fez, e o tal mercado pôde respirar aliviado, embora sequer houvesse motivo para palpitações.

Há uns anos li no livro “**Subliminar: como o inconsciente influencia nossas vidas**” do físico americano Leonard Mlodinow um estudo realizado em faculdade americana sobre o comportamento das pessoas dentro de um modelo de remuneração variável em ambientes competitivos intitulado “**The Role of Financial Incentives and Social Incentives in Multi-Task Settings**” (O papel de incentivos financeiros e incentivos sociais em configurações multi-tarefa, em tradução livre). Cada pessoa, a partir de uma série de decisões com consequências



financeiras, definiria o quanto ela própria ganharia e o quanto outra pessoa poderia ganhar. Numa escala em que 100 era o máximo possível, a pergunta era se as pessoas atuavam para maximizar seu próprio ganho, ou seja, chegar a 100.

O comportamento, no entanto surpreendeu os pesquisadores. Em vez de maximizar seu próprio ganho, as pessoas, em linha geral, atuavam para maximizar a distância entre o que ela própria ganharia e o quanto outra pessoa ganharia. Ou seja, em vez de um cenário em que ganharia 100 e outra pessoa 90, era preferível ganhar 70, desde que o outro ganhasse 30.

Entender este viés de intenção é importante para estabelecer condições de se mapear com clareza os agentes públicos dentro da política. Humanizar as relações de trabalho contradiz o cerne do que significa ter um negócio que busca o lucro. E sem captar as nuances

psicológicas que levam ao comportamento competitivo, as negociações partem de uma posição de inferioridade.

O mercado está pouco interessado em recuperação econômica, mesmo que isso prejudique seus próprios ganhos, e o cenário atual explicita esta análise. Quando confrontados os ganhos, parte-se cegamente para a manutenção de distâncias e privilégios. E tão mais forte é esta postura quanto for a herança elitista e segregacionista da realidade em que está inserido. Não poderia ser diferente o momento que vivemos dada a história do Brasil.

É preciso romper com esta mentalidade. Mas esta é tarefa geracional. Por ora, vale lutar para que não sejam implantadas políticas públicas que visam o aumento de distâncias sociais. Somente causando derrotas estruturais é que a narrativa autoevidente de socorro à elite pode ser alterada com o tempo.



Paulo Guedes é o único representante do mercado no governo Bolsonaro.  
Foto: Marcelo Camargo | Agência Brasil



64

POR FLAVIA VASCONCELOS

**DOCUMENTÁRIO  
EDIFÍCIO MASTER  
APOSTA NO VALOR DAS  
HISTÓRIAS DE VIDA**

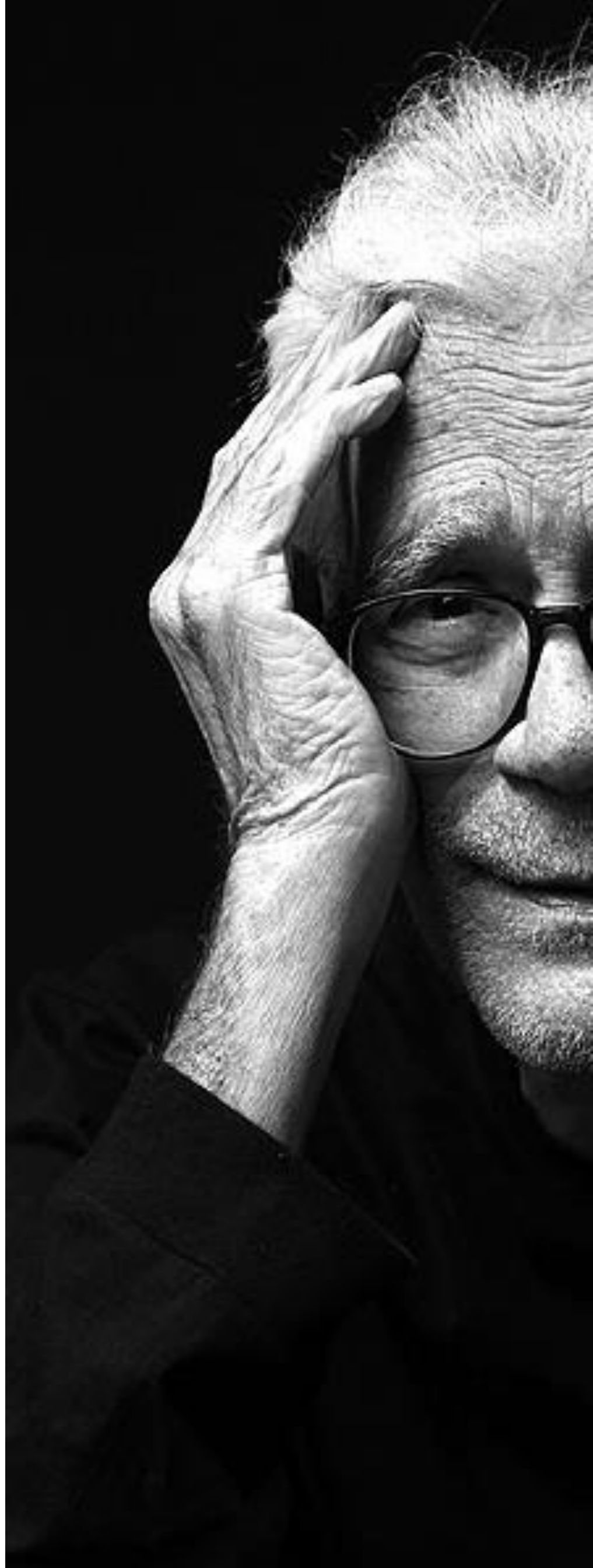


**E**duardo Coutinho, nome de referência no documentário brasileiro, em seus trabalhos, nos ensinou que a melhor maneira de se construir algo é utilizando a simplicidade, deixando o real falar por ele mesmo e, dessa forma, descobrimos que o real liberto é o que mais emociona e causa efeito direto no espectador, aproximando-o do que é produzido. E essa fórmula, ele aplicou no documentário Edifício Master, feito em 2002.

O documentário conta a história de vida de moradores de um edifício localizado em Copacabana, zona sul do Rio de Janeiro, o Master. Filma-se cada detalhe do ambiente: corredores e os apartamentos de cada morador entrevistado, onde são feitas as entrevistas. Ao mesmo tempo em que sabemos que são comuns as histórias contadas e, iguais ao edifício Master, existem tantos outros super habitados, espalhados pelo país, nós, espectadores, nos envolvemos com as narrativas, a ponto de cada história se tornar única e incrivelmente interessante.

Essa sensação é atribuída à peculiaridade do trabalho de Eduardo Coutinho, de explorar a realidade e os depoimentos dos personagens, sem grandes investimentos. Essa é a grande estratégia do cineasta, que tornou o documentário Edifício Master, um verdadeiro registro de vidas opostas que habitam o mesmo espaço, cada uma com sua característica. É um trabalho que se apega às diferenças sociais, aos múltiplos valores morais, problemas sentimentais diversos e sonhos ímpares, presentes em um só lugar.

Técnicas como o corte seco entre um depoimento e outro determinam o estilo do documentário. Entendemos que esse método teve como objetivo definir melhor onde cada fala termina e começa outra. Assim, conseguimos nos desvencilhar de cada vida para só aí partirmos para a seguinte, ou de um mundo para outro, sem estabelecer relação entre eles. Uma organização que contribui para que cada história crie dependência e tenha sua própria importância.







Outra tática é o passeio que a câmera faz para apresentar o personagem por completo: aproximando de, por exemplo, partes do corpo (olhos, mãos, boca, etc.) para “desnudá-lo” como pessoa na frente das lentes da câmera ou dando um panorama mais aberto do apartamento onde moram. As câmeras também mostram de fora, o trabalho da equipe, exibindo passo a passo, o que foi feito. A relação dos profissionais com os moradores e o interesse do entrevistador em transmitir confiança para os entrevistados para que os depoimentos pudessem ser verdadeiros e estes se entregassem por inteiro, também é uma marca desta obra.

O documentário é um verdadeiro estudo antropológico, já que o ser humano e a sua vida são as peças-chaves da montagem. Eles (a equipe) conseguiram fazer com que cada pessoa, que antes era mais uma entre as muitas moradoras de um edifício lotado de apartamentos, fossem protagonistas, no sentido de que todos são marcantes, porque são dados a mesma importância e espaço para cada entrevistado.

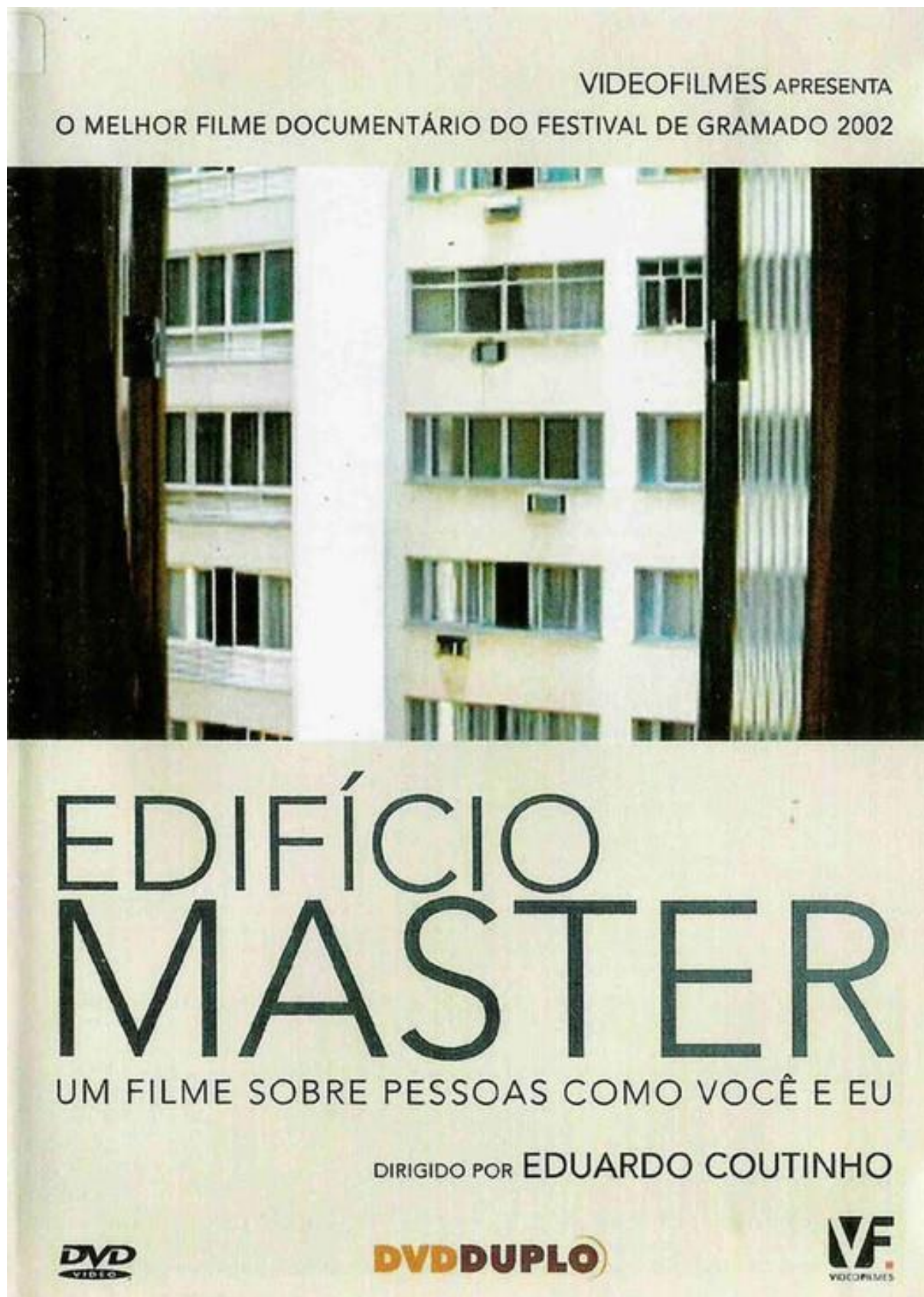
Ao assistir Edifício Master, temos a certeza de que há várias maneiras de como contar a história e, dessa forma, temos que ter sensibilidade para escolher a melhor e, assim, conseguirmos fazer um belo trabalho. Uma escolha errada para conduzir a montagem, tornaria nosso trabalho indiferente dos outros ou até mesmo pobre, desperdiçando temas e personagens muito interessantes.

O documentário é uma verdadeira aula cinematográfica, mostrando as melhores técnicas e ensinando que o ser humano tem valor infinito e, ele sozinho, sem superficialidades, basta para que se construa um documentário primoroso.

**Eduardo Coutinho** teve um fim trágico, no dia 2 de fevereiro de 2014. Foi morto a facadas em seu apartamento no Rio de Janeiro, pelo seu filho, Daniel, que confessou o crime. Embora confesso, a Justiça considerou o réu inimpunível por ser portador de doença mental, atestada em laudo da perícia. Daniel permaneceu internado por três anos, por medida de segurança.



# ONDE ASSISTIR



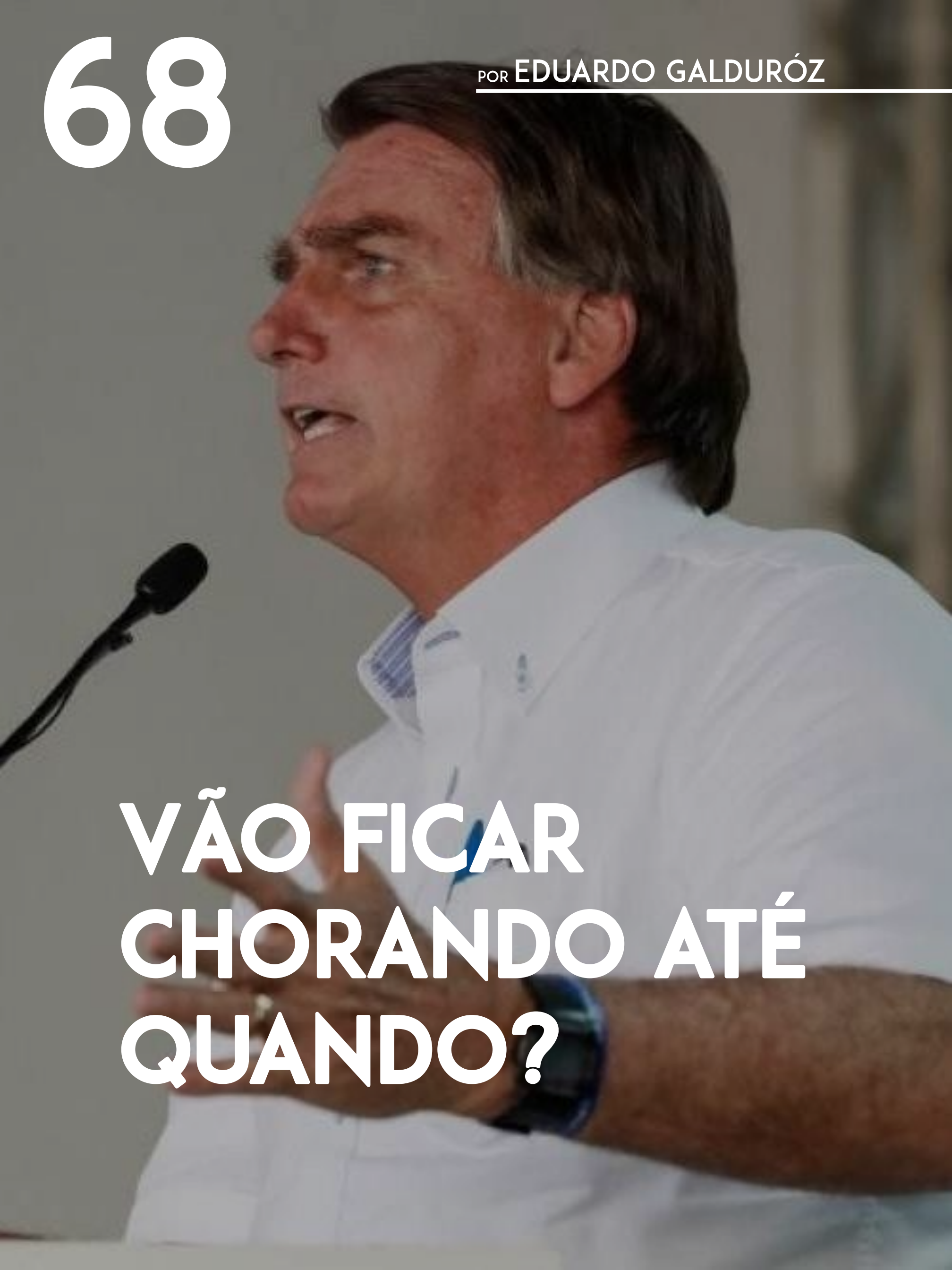
Looke @  
**prime video**

**globoplay**



# 68

POR EDUARDO GALDURÓZ

A man with dark hair, wearing a white button-down shirt, is shown in profile from the chest up, speaking into a black microphone. He has a serious expression and his mouth is open as if in the middle of a sentence. The background is a plain, light-colored wall.

**VÃO FICAR  
CHORANDO ATÉ  
QUANDO?**



**C**orre o ano de 2010. É noite de sábado e você está praticando isolamento social – involuntário – muito antes de ser modinha. Ou urgência sanitária. A economia corre bem, o dólar está baixo, a terra ainda é redonda. A frase “que Bolsonaro?” é usada pra exprimir um saudável desconhecimento, e não pra descobrir a qual dos quatro congêneres a pessoa se refere. Você de novo se esqueceu de passar na locadora pra apanhar algum DVD. Liga a televisão, que remédio, pra assistir ao Zorra Total.

E aí

O HORROR.

Quatro adultos vestidos de crianças se amontoam em um sofá cenográfico gigante, perninhas balouçantes. A ideia é fazer com que os atores pareçam menores no contraste com o desproporcionado objeto. Nenhuma preocupação com escala uatissôever. O resultado, claro, é de uma bizarria inaceitável até pra uma geração que cresceu exposta aos aerolitos de isopor do Chapolin.

O ano agora é 2021. É noite de sábado, e você está praticando isolamento social porque, enfim, existe um vírus matando 2.000 brasileiros por dia. A demora na imunização torna o país um celeiro de variantes virais, cada vez mais agressivas. E, mais uma vez, cortaram a Netflix porque você esqueceu de colocar no débito automático. Resolve ligar a smarttv pra assistir ao noticiário, que remédio?

E aí

O HORROR.

Um adulto está sentado em uma cadeira, vestindo a camisa de algum time de futebol. Exaltado, rosto crispado, dispara palavrões em direção à câmera. O vernáculo e a estética dão a entender que se trata de algum policialesco pinga-sangue. Allborghetti vem à mente. Mas não. Trata-se do Presidente da República, que se pronuncia sobre a maior crise sanitária da nossa época.

*Chega de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando? Não podemos ser um país de maricas.*







O disparatado da situação exige algum esforço de boa-fé. Você pegou o papo pela metade, não quer tirar conclusões precipitadas. O presidente, lá do jeito dele, apenas nos motiva a enfrentar com galhardia esta situação difícil. Poderia muito bem estar parafraseando Churchill, que disse: “se você está atravessando o inferno, não pare”. Trata-se de um chamado à ação, uma elegia ao brasileiro e sua fibra.

*O brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali, sai, mergulha, tá certo? E não acontece nada com ele.*

Ok, ok, então talvez ele não tenha o refinamento de um Churchill. Mas a ideia não muda. Até resolvermos essa “cuestão da pandemia aí”, temos que aguentar firme, sem mimimi, usando máscara e ficando em casa, pra não morrer mais gente, o presidente tá certo.

*Falam tanto em máscara, “o presidente sem máscara”. Não encheu o saco ainda, não? Isso é uma ficção. A proteção da máscara é praticamente zero. Vocês não entrem nessa conversinha mole de “ficar em casa, a economia a gente vê depois.” Isso é para os fracos.*

Tá, sem máscara e sem isolamento. Parece estranho, porque vai totalmente contra o consenso da comunidade científica. Mas o homem é o Chefe do Executivo, né? Ele não ia colocar a população em risco, jamais falaria

sem estar amparado em dados científicos sólidos. É confiar. E, se for pensar bem, o que vai resolver mesmo é a vacina, o negócio é focar na vacina!

*Eu não vou tomar vacina. E ponto final. Se você virar um jacaré, é problema de você. Se nascer barba em alguma mulher aí ou um homem começar a falar fino, eles (os fabricantes) não têm nada a ver com isso.*

Você está confuso. Não quer virar jacaré, definitivamente não. Imagina o trabalho pra passar fio dental. Mas sair sem máscara, recusar vacina? Ser acusado de mimimi por chorar seus mortos?

Um fenômeno começa a ocorrer. Você percebe que, a cada frase, perdigoto a perdigoto, o presidente vai se encolhendo, fisicamente mesmo, ou será que é o cenário que está aumentando?

Você entende todo o discurso. É preciso ajustar a pandemia, ainda que por um truque cenográfico, ao tamanho do líder encarregado de enfrentá-la. É urgente que se trate de apenas uma gripezinha. Mesmo que isso signifique mais mortes.

Ao final do pronunciamento, um homenzinho vocífera, perninhas balouçantes, de uma enorme cadeira presidencial, aberrantemente maior que seu ocupante. A câmera fecha em um menino, olhar assustado, e você sente uma súbita falta das bizarrices do Zorra Total.








# 72

POR FRANCIEL CRUZ

---



## A EMOÇÃO DE LULA FOI SINCERA?



Óbvio que não gastarei meu ocioso tempo pra dissecar o discurso de Lula, pois teria que derivar em críticas chatérrimas & empoladas sobre a concepção atrasada dele em relação à matriz energética, entre outras áridas mumunhas.

E, francamente, neste momento, quando boa parcela do país ficou, por breves e eternos minutos, extasiada com os gritos & sussurros do sapo barbudo, tentar enojar o gozo alheio é posição de empata-foda que nem combina com este orgiástico e cabeludo locutor. Ou, pra ser mais dramático, trilhar estes descaminhos azedos seria uma postura antivida, contra a respiração, ainda que ofegante, nestes tempos asfixiantemente temerários e cadavéricos.

Então, esta análise ranzinza fica pruma próxima oportunidade ou, talvez, pra nunca, pois tenho uma certa ojeriza de posar de exegeta. Aliás, o que vi de gente tirada a sabida, metida a estudiosa, obrando análise sobre o referido pronunciamento num tá em nenhum gibí, digo, em nenhum folheto de cordel.

E não adentrei nesta seara última por acaso ou descuido. Terminei o parágrafo falando deste mágico universo das rimas exatamente porque a melhor pista para viajar no que aconteceu ontem no Sindicato dos Metalúrgicos veio de um amigo gaúcho que, assombrado, balbuciou: “Parece aqueles repentistas...”

Sim, meu caro gaudério, parece mesmo. E é, pois, conforme já disseram os pré-socraticamente mais eruditos, a verdade está nas aparências. Porém, aqui, para meter uma embolada no pagode russo, tentemos ir à

essência. E a essência de Lula se encontra em Caetés, seu torrão natal no Planalto da Borborema, meca dos cantadores, que pariu o Triuvirato do Repente.

E ninguém é conterrâneo e contemporâneo dos Irmãos Batista, Lourival, Dimas & Otacílio impunemente. (Sim, minha comadre, sei que eles não nasceram na mesma urbe de Lula, mas o corte geográfico aqui é o agreste/mundo). É isso. Lula captou os eflúvios desta ambiência e levou os motes pra glosar/gozar na política.

Por isso que, quando começa a falar, apesar de parecer estar derivando, ele nunca perde o fio da meada. Tal e qual um repentista numa feira livre, estica daqui, tensiona dali, acena pracolá e volta a se apresentar como Tertius (não à toa fala em 3ª pessoa), buscando a conciliação. E, ladino, percebeu que o terreno, apesar de minado, é de novo propício às plantações de sonhos, de emoções e pensamentos imperfeitos e sedutores.

Assim, depois dum calvário pessoal que se enrosca também com os descaminhos da nação, Lula, se reinventando no renascimento, parece emular o canto de Zé Limeira que foi adaptado por Belchior

“Eu cantei lá no Recife  
Dentro do pronto socorro  
Ganhei 500 mil réis  
Comprei 500 cachorros  
MORRI NO ANO PASSADO  
MAS ESTE ANO EU NÃO MORRO”.

Vivamos. Ou, ao menos, tentemos.



**APOIA.se**  
**/PAPODEGALO**

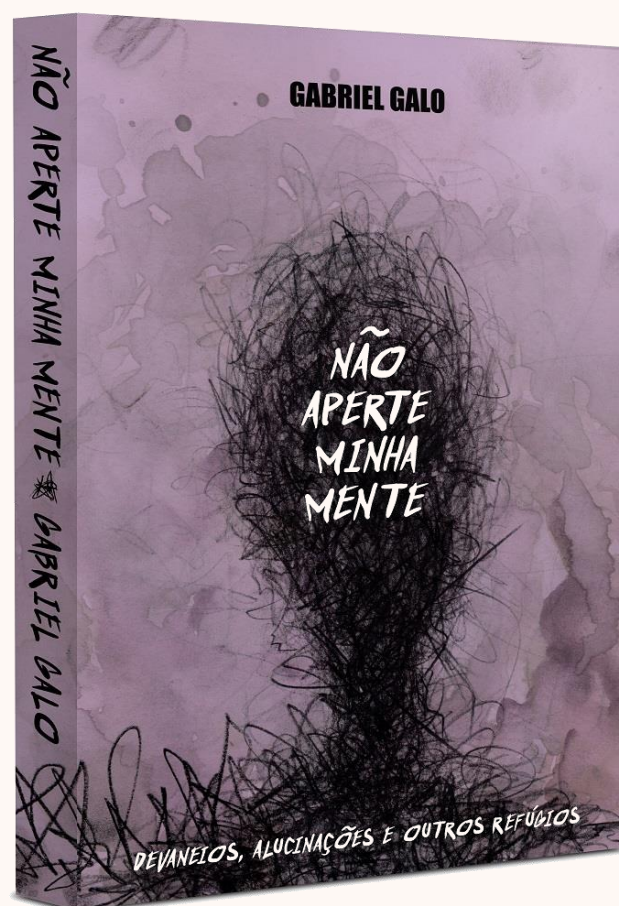


HORA DO  
MERCHAN

COMPRE JÁ OS 2 NOVOS  
LIVROS DE GABRIEL GALO  
COM SUPER DESCONTO.  
AGORA. VAI. CORRE.



A inescapável breguice do amor  
(2020, 200 páginas)



Não aperte minha mente  
(2020, 208 páginas)

Últimas unidades da 1ª edição, com preço promocional, dedicatória exclusiva + .pdf para você ler onde quiser: **R\$ 24,90** cada + frete.

**QUERO COMPRAR!**

[PAPODEGALO.COM.BR/LOJA](http://PAPODEGALO.COM.BR/LOJA)

Disponível também para Kindle e no Google Play.